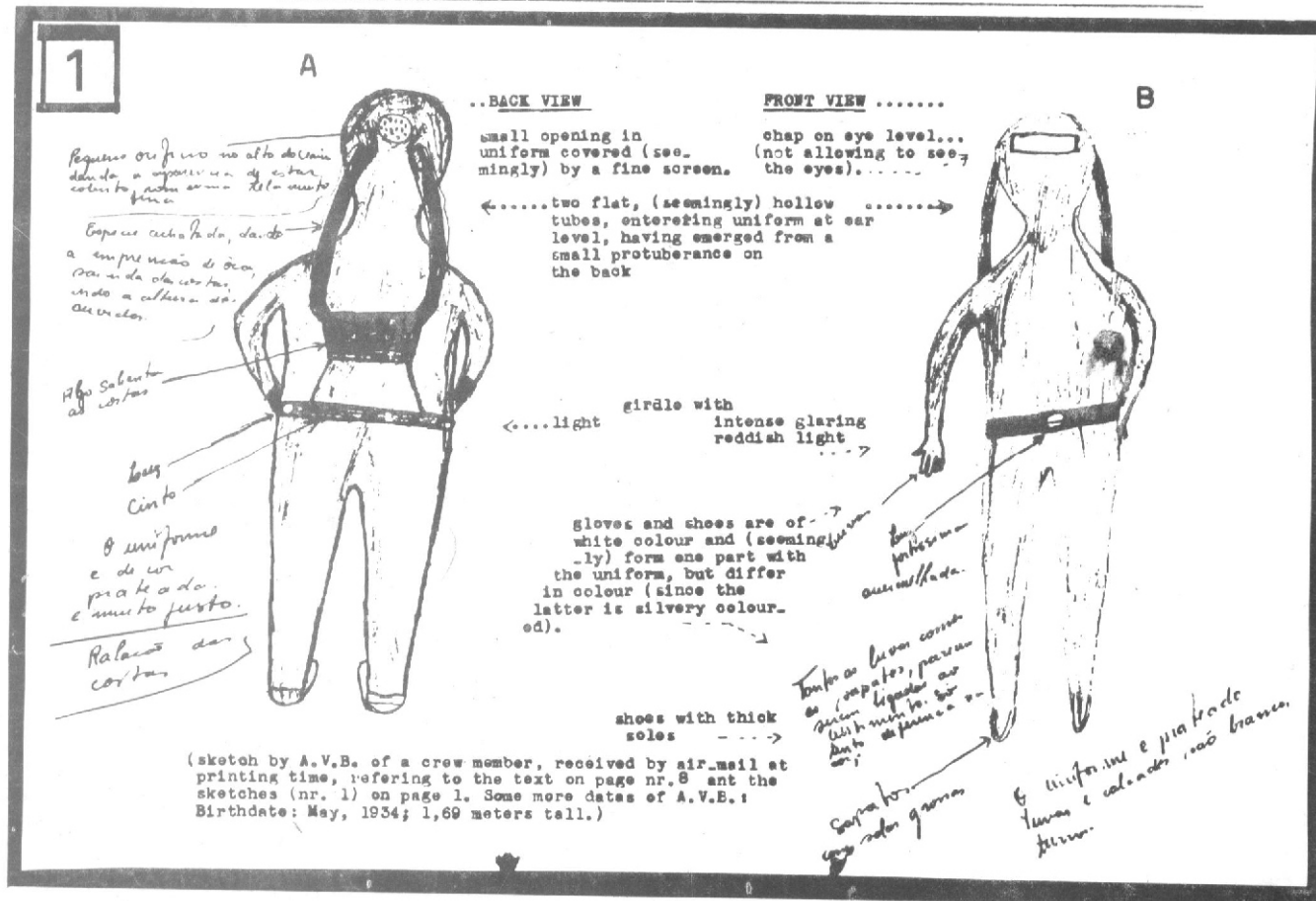


SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES
Janeiro-Agosto 1973

End.: Caixa Postal nº 16.017, Correio do Largo do Machado

Rio de Janeiro(GB), Brasil

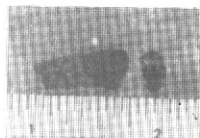


Figs. 1A e 1B - Esboço do tripulante, respectivamente de costas e de frente. Desenho e explicações de A.V.B., para a SBEDV. (leia it nº 3F)

CIPEX - Cx. P. 24.555
Agência Uberaba
Curitiba - Paraná - Brasil
Cep. 81.570-971
e.mail: cipexbr@yahoo.com



A EXPLOÇÃO DO DISCO VOADOR



CHAPA ESPECTROGRÁFICA COM ESPECTROS DA ANÁLISE DE IDENTIFICAÇÃO DE SAL DE MAGNÉSIO QUIMICAMENTE PURO E DE FERRO, PARA REFERÊNCIA

Cientistas brasileiros e americanos proclamam ter finalmente a prova material da existência dos "discos voadores" — A história completa do caso e das teorias que o explicam.

Fig. 2 - Foto do falecido Dr. Olavo T. Fontes, por ocasião de sua entrevista dada ao Dr. João Martins, para a reportagem de "O Cruzeiro" de 16-4-60 (leia it. nº 3B e 3D).

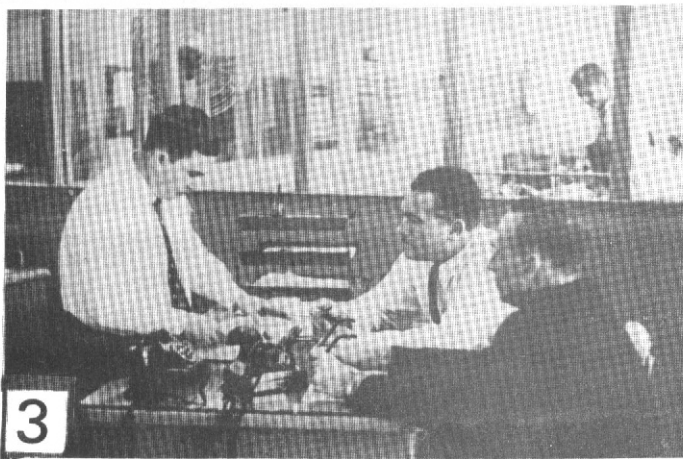
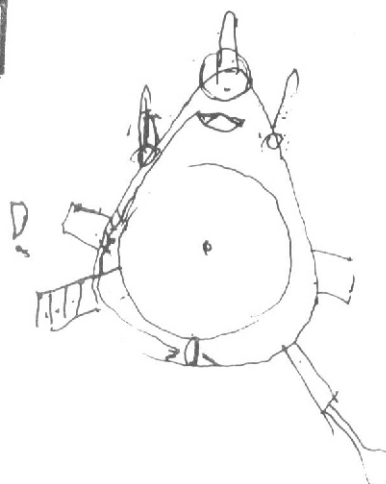


Fig. 3 - Da esquerda para a direita: Drs. Mário P. Aquino, João Martins e Walter Buhler, em reunião sobre assunto ufológico, na redação de "O Cruzeiro" (leia item nº 3B)

EXIBIR DE AMPLIAR:

Foi trazido pelo próprio Villas Bôas, em seu consultório, para melhor facilitar o entendimento das detalhes sobre o objeto fotografado em seu depoimento. Esse desenho deve ser interpretado em função da descrição feita por Villas Bôas, que é bastante minuciosa.

4



148 polegadas (40,16m) x 32 polegadas (8,13m) x 21 polegadas (5,33m)
Exatidão: 1 polegada = 2,54 cm

No dia seguinte (17 de Outubro), Villas Bôas voltou ao local onde havia aterrisado a aeronave e marcou o local de distâncias entre as duas curvas que existiam no solo, correspondendo ao tipo de tripé sobre o qual passava o aparelho. Não sabia de uma lotia aproximada sobre as dimensões reais do mesmo.

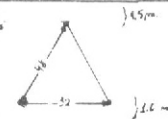
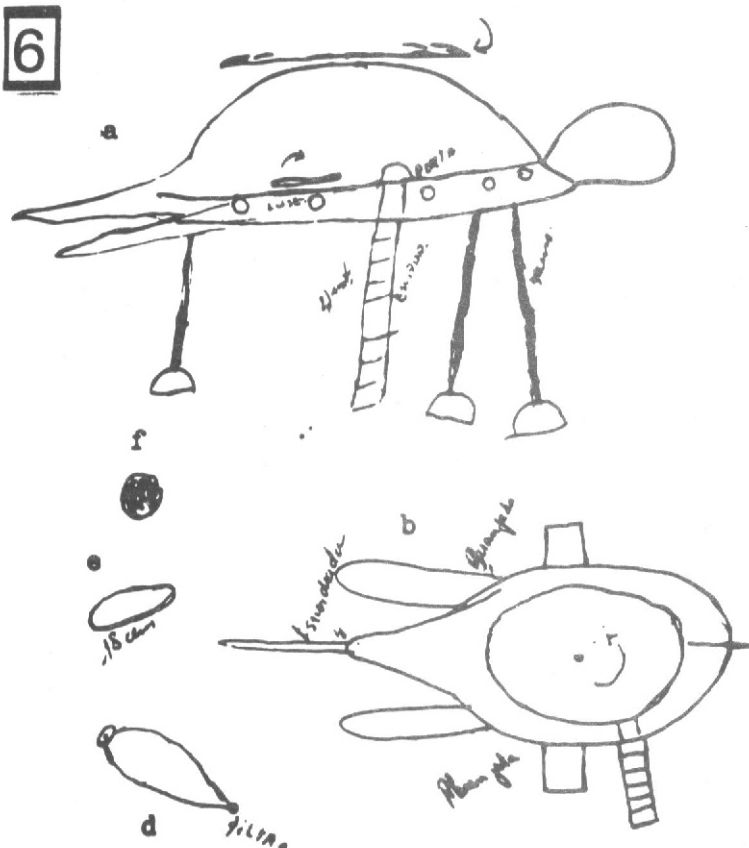


Fig. 4 - Esboço do aparelho voador, feito por A.V.B. para o Dr. Olavo Fontes. Embaixo, indicam-se as distâncias das impressões do tripé, no chão (leia item nº 3E).



Fig. 5 - Esboço (feito pelo Dr. Mário P. Aquino) do aspecto topográfico da região do caso de A.V.B. (leia item nº 3B e 3F)



CIPEX e GENA
2004

Fig. 6 - Esboços feitos por A.V.B. para a SBEDV:
a) -DV visto de lado,
b) -DV visto de cima;
d) -tipo da seringa usada;
e) -impressão, do sapato do tripulante, no chão
f) -impressão, do tripé, no chão (leia item nº 3F).



Fig. nº 7 - Mapa da região da residência de A.V.B.-fronteira de Minas com São Paulo e Mato Grosso (leia item nº 3).

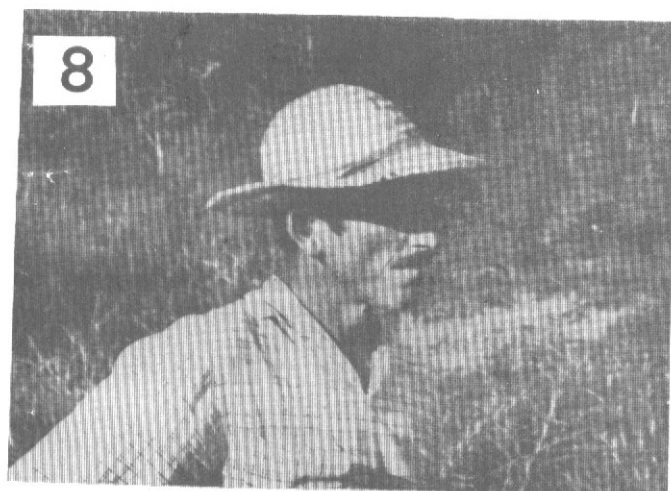


Fig. nº 8 - O lavrador José Gugermin (leia it. nº 4)

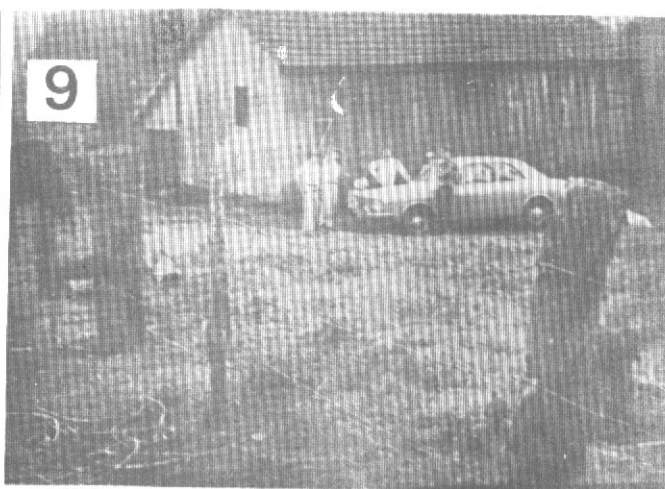


Fig. nº 9 - Os Gugermin (pai e filho) mostrando aos reporteres como foi a observação

CIPEX e GENA
2004

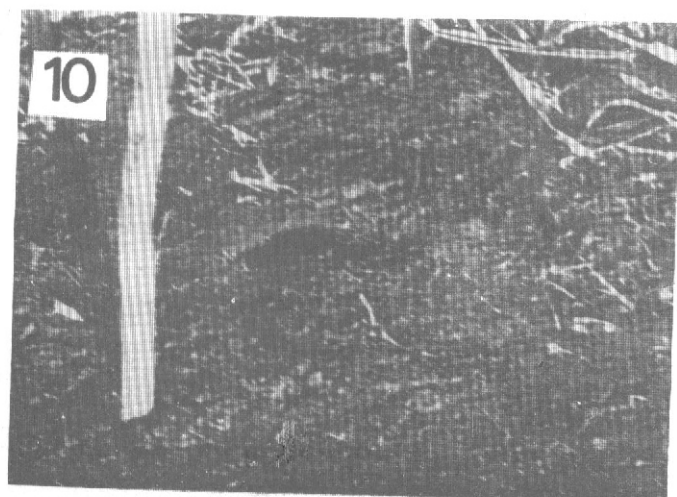


Fig. nº 10 - Uma das marcas deixadas no solo. O chão ficou como se tivesse sido varrido (leia item nº 4)



Fig. nº 11 - No local do pouso, os Gugermin e o reporter. Ficaram 6 marcas dispostas em circunferência



Bol. nº 90/93

SBEDV

BL ISSN 0037-8666

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES

Janeiro-Agosto 1973

End.: Caixa Postal nº 16.017, Correio do Largo do Machado

Rio de Janeiro (GB), Brasil

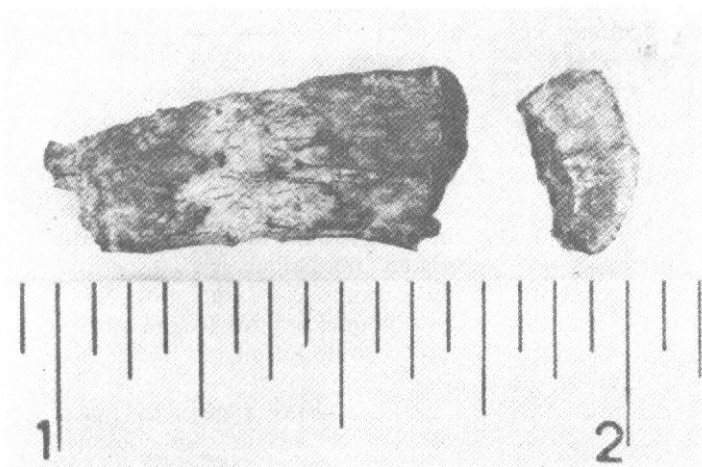


Fig. 1

Dois fragmentos do disco voador de Ubatuba.

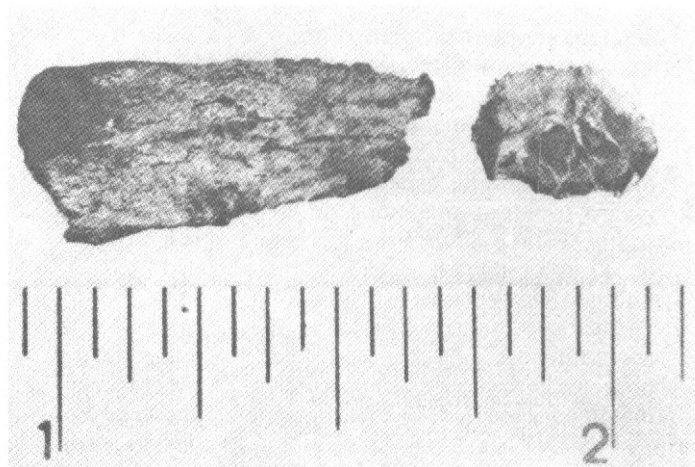
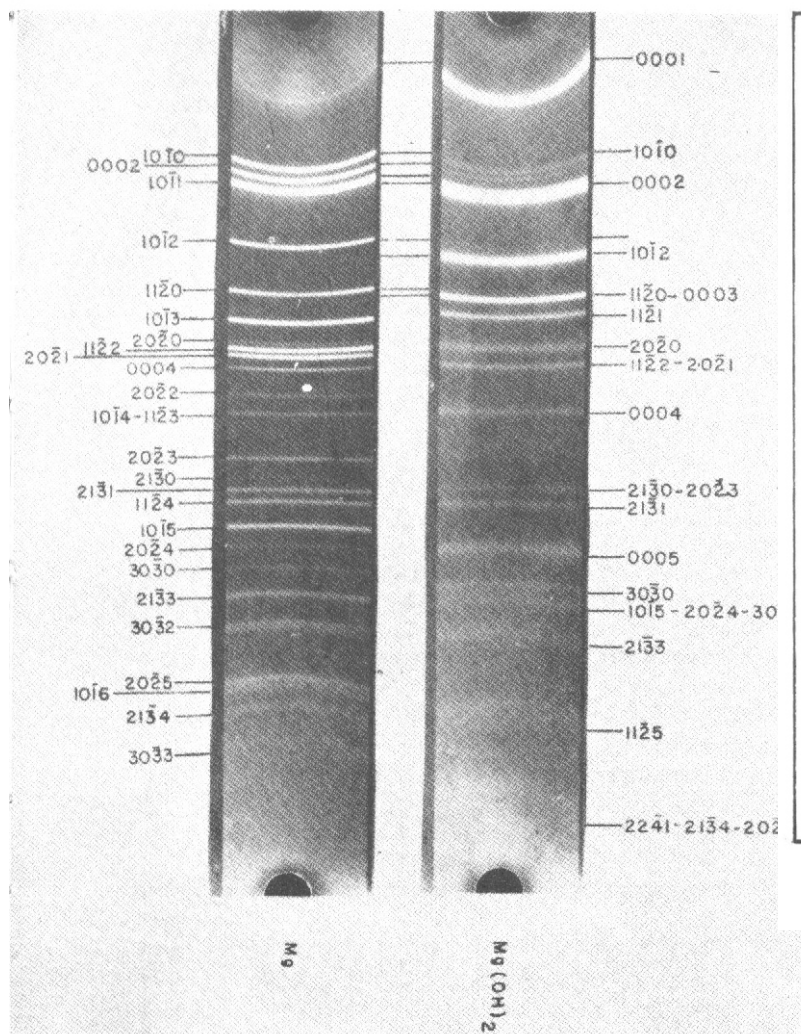


Fig. 2

CIPEX e GENA
2004



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL
 LABORATÓRIO DA PRODUÇÃO MINERAL

BOLETIM N.º 15 001 Em 24 de setembro de 19 57.

Análise espectrográfica de material indeterminado.

Protocolo: 571/57.

PROVENIÊNCIA: Ubatuba - São Paulo.

REQUERENTE: Dr. Olavo Pontes.

A amostra recebida constava de dois fragmentos de aspecto metálico, cor cinza, baixa densidade e pesando, cada um, aproximadamente 0,6 gramas.

Resultado da análise de um dos fragmentos:

A análise espectrográfica revelou a presença de magnésio (Mg) em alta concentração e ausência de qualquer outro elemento metálico.

LUISA MARIA A. BARBOSA
 TECNOLÓGISTA QUÍMICO "N"

VN/.

VISTO

Substituto do Diretor

Fig. 4 — Análise espectrográfica do Relatório de Barbosa. (Acima)

Anexo 01

Í N D I C E

1 -	<u>DIRETORIA DA SBEDV</u>	1
2 -	<u>CONVERSA COM O LEITOR:</u>	
2 A -	REPERCUSSÃO DA UFOLOGIA BRASILEIRA	1
2 B -	TRABALHO EM PROJETO	3
2 C -	AFERIÇÃO DE TRABALHOS ESTRANGEIROS	3
2 D -	OBITUÁRIO	4
3 -	<u>O CASO DE ANTÔNIO VILLAS BOAS:</u>	
	CIPEX e GENA 2004	
3 A -	O EPISÓDIO	5
3 B -	A PESQUISA	5
3 C -	FASES PRECEDENTES À PUBLICAÇÃO DOS RELATOS	6
3 D -	A DIFUSÃO	8
3 E -	O RELATO DO DR. OLAVO T. FONTES	10
3 F -	O RELATO DA SBEDV	24
4 -	<u>DISCO VOADOR PERNOITA NUM SÍTIO</u>	28
5 -	<u>CONSIDERAÇÕES SOBRE O INTERESSE CIENTÍFICO DO ESTUDO DOS OANI</u>	29
6 -	<u>DISCOS VOADORES E DISCOS SUBMARINOS:</u>	
6 A -	DA IMPRENSA EM GERAL E BOLETIM SBEDV	32
6 B -	DO BOLETIM "LUMIÈRES DANS LA NUIT"	33
6 C -	DO BOLETIM "UFO CONTACT"	34
6 D -	DE UM CIENTISTA BRASILEIRO	35
7 -	<u>DV'S VISTOS PELO PESQUISADOR PERUANO CARLOS PAZ GARCIA E FAMILIARES SEUS</u> .	36
8 -	<u>LISTA DE LIVROS E REVISTAS</u>	36
9 -	<u>ENGLISH SUMMARY</u>	39

No dia 24/02/73 foi realizada uma Assembléia Geral, conforme notificação no Diário Oficial (de 9/02/73, sob o nº 5918) e na Gazeta de Notícias (também de 9/02/73), para eleição da Diretoria e resolução de assuntos gerais.

Na oportunidade ficou assim constituída a Diretoria para o biênio 1973/1974:

Presidente: Dr. Walter Karl Buhler
 Vice-Presidente: Sr. Orlando Teixeira Fernandes
 Secretário: Dr. Guilherme Pereira
 Tesoureiro: Prof. José Fortunato Pinto
 Conselho Fiscal: Dna. Amanda Alves Pinto; Dra. Helena Paes de Oliveira ;
 Sr. José de Alencar
 Suplentes do Cons. Fiscal: Sr. Almir Baraúna; Sr. Francisco Sá Borges ;
 Sr. Otto Erwin Glueck.

CIPEX e GENA

2004

ooooooooo

CONVERSA COM O LECTOR

2 A) - A REPERCUSSÃO DA UFOLOGIA BRASILEIRA

É sempre com grande satisfação que vemos reproduzidos, nas principais revistas e nos boletins especializados existentes no mundo, os relatos brasileiros de eventos ufológicos.

Foi a renomada revista inglesa "Flying Saucer Review" - Jan./fev. 1973 - que, às páginas 28 e 29, transcreveu, com o título de "The Abduction from the Corral", as peripécias de um "Bezerro Sequestrado" (Bol. SBEDV nº 81/81, pág. 234), descritas pelo Sr. Victor Soares, do GIPOVNI - sociedade gaúcha agora rebatizada com o nome de ICCS (Irmandade Cósmica Cruz do Sul).

Idêntico procedimento teve a mesma revista com as pesquisas de Sr. Carlos Varassin, de Curitiba, publicando-as sob os seguintes títulos: "The Levitated Cyclist" e "Another Levitation at Canelinha".

Se evocamos no presente Buletin o nome do excelente e saudoso pesquisador Dr. Olavo Fontes (leia item nº 3), o do Professor Dr. Húlvio B. Aleixo (Presidente do CICOANI, com seus trabalhos de pesquisa detalhada de "Sagrada Família") e do Sr. Jader Pereira, todos consagrados nos livros ufológicos mais modernos, citados pela ufologia francesa (revista GEPA) e espanhola (revista STENDEK), sentimo-nos envidados de abundante e privilegiado material ufológico brasileiro, que já ocupa lugar de destaque no cenário científico mundial.

Expressão viva deste fato é também a crescente quantidade de boletins brasileiros editados, com maior ou menor regularidade, entre outros, pelos grupos CICOANI, GPECE, ICCS, GPAZ, SPIPDV, além de nosso (SBEDV).

Pela multiplicidade e variedade dos grupos brasileiros de pesquisa, que se expressam pelos respectivos boletins, é abordado cada vez maior número de casos ufológicos brasileiros. Além disto, esses casos são, assim, focalizados sob os mais diversos ângulos, o que é sempre de grande utilidade em um tão multifacetado

assunto, que vem a ser o surgimento, em nosso planeta, de civilizações extraterrestres representadas, por enquanto, pelos chamados Discos Voadores.

O mais importante na pesquisa é a minuciosa coleta de dados. Não importa a rapidez de sua execução (a SBEDV levou para isso 4 anos no caso de Vilas Boas), nem a proximidade do local da pesquisa (a SBEDV venceu 3 vezes os 500 km Rio-São Ro que - local perto de Araçariguama onde se deu o acidente de João Prestes, um pouco além de São Paulo, capital).

Isto ainda não é compreendido por todos, porquanto um outro estudioso brasileiro, do assunto DV, irritou-se com uma pesquisa adicional da SBEDV, junto a 7 ou 8 testemunhas, referente ao caso João Prestes, e da qual a SBEDV tirou conclusões bem diferentes, tendo sido, na ocasião, prestigiada pelo grupo local (de São Roque) de pesquisadores. Esse grupo já havia feito uma primeira pesquisa junto a uma das testemunhas.

Nós, pelo contrário, sempre nos sentimos lisongeados quando, por exemplo, a convite do CICOANI, de Belo Horizonte, pudemos assistir à coleta adicional de dados interessantes, porquanto nessa ocasião a SBEDV beneficiou-se em conhecer algo de novo e de útil.

O espírito do pesquisador, desprovido de sensacionalismo jornalístico e de prevenções emocionais, deve então tirar, no fim das suas pesquisas, as conclusões serenas e acertadas.

Não acreditamos que, para isso, seja necessário inicialmente a elaboração de organogramas e fluxogramas, como pensam alguns dos nossos colegas bem intencionados.

*Fev 1946?
3-3 "carnaval"*

OBS. da SBEDV: O caso acima citado teve como epílogo a morte do Sr. João Prestes, e o referido pesquisador concluiu apressadamente que o óbito se havia dado como consequência de um ataque partido de um Disco Voador. Na pesquisa adicional posterior que fizemos em conjunto com o grupo local (de São Roque), após investigação minuciosa, todos chegamos à conclusão de que a morte muito provavelmente não foi causada por nenhum fenômeno envolvendo direta ou indiretamente Disco Voador. Infelizmente, o caso foi publicado pela prestigiosa revista inglesa Flying Saucer Review (de março/abril 1973) com a versão original do primeiro pesquisador.

Sete meses já foram passados após a pesquisa adicional da SBEDV, que enviou, aos principais investigadores (de DV) patrícios, cópias do minucioso relatório correspondente. Entretanto, nada foi feito para impedir a publicação (pela F.S.R.) do caso, com as conclusões errôneas, pois o correto seria focalizar todos os fatos adicionais que foram averiguados e que são capazes de dar uma versão diferente ao incidente que vitimou o Sr. João Prestes. Pelo menos, esses fatos deviam ter sido averiguados "a posteriori", pelo referido pesquisador patrício, que, nesse caso, nunca se deu ao trabalho de uma pesquisa "in loco", nem no início e nem depois do nosso grito de alerta.

Um exemplo de um bom trabalho minucioso é a obra do General Uchôa, contida no seu livro "A Parapsicologia e os Discos Voadores" (leia item nº 8), condensação do trabalho de um grupo de pessoas por ele dirigidas e que para tanto trabalhou durante muitos meses em Alexânia (cidade próxima de Brasília). A publicação desse caso parece-nos uma das coisas mais importantes até agora, no campo da ufologia:

"UM CONTATO DOCUMENTADO POR TESTEMUNHAS CATEGORIZADAS E ADICIONALMENTE POR MÁQUINA FOTOGRÁFICA, TENDO SIDO PREVIAMENTE COMBINADO COM OS ESTRATERRESTRES (que ainda con sentiram a presença de testemunhas outras além da principal)".

Além disto, há que se ressaltar o fato de o livro ter sido editado sob os auspícios de uma sociedade que até agora preferia a discrição e o segredo: A COMISSÃO BRASILEIRA DE PESQUISA CONFIDENCIAL DOS OBJETOS AÉREOS NÃO IDENTIFICADOS, de São Paulo - (CBPCOANI - Presidente: Professor Flávio A. Pereira). Deste modo, pensamos que esse livro poderá representar uma verdadeira "vira-volta" no caminho da ufologia em "campo aberto", ficando o Brasil mais uma vez na liderança.

A propósito, devemos lembrar que os últimos pavorosos incidentes políticos, da diplomacia internacional, têm demonstrado que, à semelhança com outras armas, o segredo e a espionagem são altamente nocivos. Isto pode ser expresso hipoteticamente na seguinte sentença moral: "Quem com segredo fere, com segredo será ferido".

Não obstante a carência sentida no setor financeiro, os grupos nacionais contam com a boa vontade de todos, o que facilita o intercâmbio de idéias entre seus membros, que tudo fazem para o aperfeiçoamento crescente dos congressos ufológicos, por exemplo.

O entendimento entre os grupos tem por base o respeito aos pensamentos e aos desejos de cada um, possuindo todos, porém, um ideal comum: o da honestidade aliada à grande ânsia de trabalhar.

CIPEX e GENA
2004

2 B) - TRABALHO EM PROJETO

Conforme anunciado em nosso Boletim 85/89 - pág. 44, pensamos publicar maiores dados sobre o caso da "Esquadrilha de DV", relatando na íntegra, em nossos Boletins, as opiniões daqueles que divergissem de nós. Desse modo, cientificamente, conhecendo locais, datas e episódios, cada pesquisador poderá formar opinião própria sobre determinado aspecto do assunto. Porém, os dados suficientes para tal publicação ainda não nos chegaram às mãos, pelo que deixaremos para fazê-la em uma próxima oportunidade, tão logo nos seja possível.

2 C) - AFERIÇÃO DOS TRABALHOS UFOLÓGICOS ESTRANGEIROS

Pela repercussão que a pesquisa brasileira vem alcançando no Brasil e no exterior, graças à esplêndida colaboração que os estudiosos brasileiros vêm emprestando ao nosso Boletim, a SBEDV tem recebido alguns livros ufológicos estrangeiros e obtido a indicação de outros para compra. Quando dispomos de um exemplar em duplicata, é idéia nossa deixá-lo em circulação com os colegas ufologistas brasileiros.

Lendo alguns desses livros, fomos surpreendidos com a enorme quantidade de teorias esdrúxulas emitidas por determinados autores, dentre os quais destacamos o recentemente falecido Sr. Ivan T. Sanderson, pela fertilidade de sua imaginação, em seu livro "Uninvited Visitors" - Cowless Education Corp. - N.Y.

Sabemos que, na ufologia, certos detalhes produzem controvérsias, como, por exemplo, o formato dos olhos de uma tripulante de DV (ler, no presente Boletim, o item 3-D).

A observação dos fenômenos ufológicos possui dificuldades conhecidas de todos. Por isto, o nosso mundo tem ainda um conhecimento bem restrito quanto aos tripulantes de DV. Em vista deste fato, causa-nos espanto essa exuberância de idéias de alguns autores. Elas despertam em nós a suspeita de que tudo aquilo, que se consigna em algumas dessas publicações, está de conformidade com um NOVO plano de despistamento e deformações.

Isto acontece também, a nosso ver, no livro "Passeport to Magonia" (Henri Regenery Company - Chicago - US\$3.5), no qual seu autor, o astrônomo francês Jacques Vallée, interpreta os extraterrestres como gnomos e sílfides intratелúricos, que podem aparecer e desaparecer de acordo com a sua vontade. Vallée trunca, também, com finalidades estranhas, os relatos ufológicos modernos, como, por exemplo, o caso brasileiro de "Sagrada Família" (Minas Gerais) e também aquele do francês Masse (Valensole). No relato desse último caso, Vallée silencia sobre a ondulação que um veículo extraterrestre tripulado provocou em seu voo rasteiro sobre uma plantação de alfazema, tornando-se invisível, pouco depois, por um processo técnico ainda não compreendido por ele (Vallée), nem por nós, porém permitindo que se continuasse

vendo perfeitamente a referida ondulação, conforme o vão do objeto, já então invisível (Ler Bol. SBEDV, 85/89, pág. 38).

Se relacionamos Jacques Vallée com o grupo da ufologia "oficiosa" (representada pela associação norte-americana APRO e pelo astrônomo Allan Hynek), então observamos que tendem a suprimir a divulgação de certos aspectos dos tripulantes, como, por exemplo, a sua semelhança, em alguns casos, com a espécie humana terrestre. Esta semelhança é negada pela Sra. Coral Lorenzen (diretora da APRO), na pág. 27 dos "Proceedings" (no respectivo Congresso). Já em 1958, a Sra. Coral recebeu, do representante (da APRO) brasileiro, um relatório a respeito deste assunto (ler os itens 3 E e 3 F).

Hynek chegou a admitir abertamente, nesse Congresso (pág. 27 dos "Proceedings"), que, em um caso de aterrissagem (em Novo México - U.S.A.) de DV com tripulantes, ele (Hynek) procurou despistar a respeito, porquanto, conforme disse, "sentia que essa era a tarefa de que devia se desencumbrir".

É nossa opinião que fatos importantes não devem ser omitidos, pois isto equivale a um despistamento. Preferimos ser menos férteis em teorias e mais precisos nos fatos e na transcrição das nossas narrativas, tendo em vista que somente elas poderão servir de base para deduções posteriores (nossas e/ou de outros pesquisadores). Neste propósito, o recente livro do General Uchôa é um excelente exemplo a ser imitado.

CIPEX e GENA 2004

OBS. da SBEDV: A título de fazer o histórico do início do despistamento ufológico, lembramos ao leitor os projetos da USAF, organizados para esta finalidade, na seguinte ordem: 1º Sign; 2º Grudge; 3º Blue Book; 4º Comitê Condon. A APRO, que "possui uma vasta organização no estrangeiro", julga-se, conforme o seu diretor (APRO Bul. maio/junho 71, pág. 2), "no direito de herdar, daqui em diante, o material ufológico que era remetido a Blue Book e Comitê Condon, já que os dois cessaram as suas atividades". Entretanto, a nós, da SBEDV, parece que APRO já possui há muito tempo a chancela do apoio oficial, porquanto sempre teve livre circulação nos comitês ufológicos militares estrangeiros (APRO Bul. julho/agosto 67, pág. 2; março/abril 69, pág. 2; nov./dez. 71, pág. 5).

2 D) - OBITUÁRIO

Cumprimos o doloroso dever de comunicar, aos ufólogos nacionais, o falecimento do Prof. (de química) Dr. Ernani Ebecken de Araújo, aos 71 anos de idade, no dia 16 de julho de 1973.

Embora discordássemos de algumas das teorias ufológicas abraçadas pelo Dr. Ebecken, constatamos nele um autêntico espírito de pesquisador, que constantemente se renovava e que contagiava, com o seu entusiasmo, a todos que tiveram o privilégio de sua amizade.

Destacou-se o Dr. Ebecken na pesquisa sobre a formação das lapas no hinterland mineiro, e suas pinturas pré-históricas encontradas na região de Montes Claros - Minas Gerais. Focalizou ainda diversas teorias sobre o nosso futuro e o nosso passado, incluindo as grandes catástrofes terrestres e culturas desaparecidas, tendo para isto publicado os livros "O que são e de onde vêm os DV" e "Os DV e a teoria da relatividade do Dr. Einstein".

A SBEDV tem a saldar uma dívida especial em relação ao Dr. Ebecken, pois ele procurou sempre facilitar o nosso trabalho, em todos os sentidos.

Dividimos, com a família do falecido, a consternação e a tristeza. Porém, podemos conceber que, em termos filosóficos, não ficou perdido este magnífico exemplo de pesquisador e de grande e generosa figura humana.

Transmitimos à esposa, aos filhos e demais familiares do Prof. Ernani, os nossos mais profundos votos de grande pesar.

5-OUT-57

CIPEX e GENA
20043 A) - O EPISÓDIO

Trata-se do caso de um contato material de um terrestre com vários extra-terrestres. O episódio se deu em 1957, na pequena localidade chamada São Francisco de Salles, situada no triângulo mineiro, perto da fronteira (formada pelo rio Grande) do Estado de Minas Gerais com o norte do Estado de São Paulo, não muito longe (150 km aproximadamente) das fronteiras dos Estados de Mato Grosso e Goiás (ver fig. nº 7)

Esse episódio ufológico distingue-se marcadamente dos demais, por tratar-se de um demorado contato protagonizado pelo terrestre Antônio Villas Boas, humilde e jovem (23 anos na ocasião) lavrador naquela região. Esse contato foi imposto ao nosso protagonista, contra a sua vontade, por várias entidades extra-terrestres que à força o levaram para dentro de um engenho voador, o qual, pela sua forma, pouca semelhança tinha com os chamados "Discos Voadores", mas muito menos ainda com os nossos aviões convencionais.

OBS.: Daqui para diante, designaremos Antônio Villas Boas, por A.V.B., para facilitar.

A.V.B., uma vez dentro de um dos compartimentos do engenho, chegou a ter contato com um ser extra-terrestre do sexo feminino e de rara beleza exótica. Acahou por sucumbir aos seus encantos, embora que, minutos antes, tivesse passado momentos de extrema angústia.

O Sr. Gordon Creighton, famoso ufólogo inglês, chamou o episódio de "O encontro mais íntimo que jamais houve" ("a close encounter, the closest since ever known..."). E isso numa época em que o assunto Disco Voador e a possibilidade dos contatos com os seus tripulantes só existia para pequenos e esparsos grupos de estudiosos espalhados pelo globo terrestre. Desta forma, as forças que combatiam o estudo ufológico acharam que não devia ser dada publicidade ao relato. Justamente àquela época (1958), quando o grupo do famoso pesquisador George Adamski, em contraste, propalava que todos os viajantes extra-terrestres seriam de índole pacifista, de tal forma que nunca interfeririam com o livre arbítrio terrestre (no caso A.V.B., isto não se verificou).

OBS.: É importante notar que nem sempre o desrespeito ao livre arbítrio significa, necessariamente, uma atitude beligerante. Como exemplo, citamos a iniciativa tomada por nós, quando, em incursão pelas florestas, vamos paulatinamente impondo aos indígenas os nossos costumes, modificando o seu modo natural de vida. Com isso, a nossa intenção é levar a eles o nosso progresso, para integrá-los, a longo prazo, em nossa civilização, apesar de, no início, sermos recebidos como "intrusos agressores". No caso A.V.B. não houve intenção agressiva, mas sim uma experiência de ordem genética, de acordo com o relato mais adiante. Aliás, diga-se de passagem, até hoje ninguém conseguiu provar que os extra-terrestres nos visitam com intenções beligerantes.

Dessa forma, quando finalmente foi tornado público em 1962 (pela primeira vez, pela SBEDV, em inglês), o caso A.V.B. constituiu-se uma verdadeira bomba de cabeça e alvos múltiplos, porquanto até hoje continua ainda o seu efeito em todos os círculos ufológicos (independentemente de seu conceito "a favor" ou "contra" os tripulantes dos DV).

O caso também significou um salutar impulso para alguns dos nossos círculos médicos e genéticos mais liberais, mais abertos e mais progressistas, porquanto, independentemente dos órgãos ortodoxos atrasados, procuram trilhar caminhos novos numa ciência que se poderia chamar "Cosmo-Antropologia" (neologismo empregado pela SBEDV).

3 B) - A PESQUISA

Em 1958, a nossa imprensa começou a desencadear uma campanha de ridículo e descrédito contra o assunto Disco Voador e contra a possibilidade da vinda de

extra-terrestres, até nós, em carne e osso. Assim sendo, é compreensível a reserva do nosso protagonista, A.V.B., que só confidenciou a sua aventura ao farmacêutico de sua localidade, que o socorreu, já que em lugares desertos e longínquos (no caso de São Francisco de Salles) o farmacêutico tem a função de prestar os socorros médicos sumários (que se tornaram necessários, no caso, conforme os relatos mais adiante). Esse farmacêutico, lendo na revista "O Cruzeiro" as reportagens sobre DV, escritas por João Martins, teve a idéia de aconselhar A.V.B. a dirigir-se a este último, já que lhe parecia um "expert" brasileiro no assunto. Isto foi feito por carta, e a troca de correspondência motivou a vinda de A.V.B. ao Rio, onde ficou hospedado por vários dias, à disposição dos pesquisadores ufológicos Dr. João Martins (engenheiro e jornalista) e Dr. Olavo Teixeira Fontes (médico e professor livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil), (ver fig. nos 2 e 3). Este último (já falecido) chegou a ser nomeado representante brasileiro da Sociedade Norte Americana APRO (Aereal Phenomena Research Organization), e também granjeou a estima do próprio Governo Norte Americano, que chegava a consultá-lo no campo da ufologia, tendo em vista que o território brasileiro era e continua a ser um dos mais ricos do Globo terrestre, no assunto DV, conforme foi noticiado para os nossos leitores no Boletim 55/59-pg. 22, sob o título "Os Brasileiros Acreditam em Discos Voadores".

O extenso, minucioso e importante relato de Dr. Fontes, a respeito do "Case Villas Boas", tomou o nº 5 no seu arquivo e está datado de 22 de fevereiro de 1958. Foi encaminhado pelo Dr. Fontes, à SBEDV, em 1966 (como vai ser explicado mais adiante), e daí à conhecida revista inglesa "Flying Saucer Review (F.S.R.)". Assim, por meio da F.S.R., os meios ufológicos tomaram conhecimento desse relato, 8 anos após à sua confecção no Brasil. Agora, após 15 anos, o leitor patricio terá a oportunidade de inteirar-se minuciosamente desse importante caso (o mais sensacional, até hoje, da literatura ufológica), na sua versão original, o português.

CIPEX e GENA

2004

3 C) - FASES PRECEDENTES À PUBLICAÇÃO DOS RELATOS

Em nosso Boletim anterior (nº 85/89), há uma recomendação do célebre ufólogo inglês, Gordon Creighton: "O pesquisador deve dizer a verdade a qualquer preço". Nós acrescentamos que isto às vezes só é possível por meio de penosos esforços e sacrifícios, quando a verdade contrariar os dogmas, tendências ou desejos do governo ou sociedade reinante. Isso foi bem caracterizado no caso do astrônomo Galileu, que teve até de abjurar às suas ideias para poder salvar pelo menos a sua vida.

Assim, podemos hoje perfeitamente compreender a orientação da Sociedade Norte Americana APRO, à qual estava filiado o ufólogo patricio, Dr. Fontes. Em 1958 a APRO resolveu não publicar o relato enviado pelo então seu representante brasileiro; apenas mencionou o caso, em 1966, no livro "Flying Saucers - The Startling Evidence of The Invasion From Outer Space" (Signet Book - pág. 64-73), editado pela sua diretora Coral E. Lorenzen. Somente em 1967 a APRO transcreveu na íntegra o relato de Dr. Fontes, no livro "Flying Saucer Occupants" (Signet Book, - pág. 42-72), sob o título "Report on the Villas Boas Incident, by Olavo Fontes, MD., and João Martins, translated by Irene Granchi". Isso, após o caso ter sido mencionado em muitos dos outros boletins ufológicos de renome mundial.

Porém, a SBEDV tem uma orientação diferente, considerando o segredo como sendo antagônico à ciência e ao progresso. Na ocasião, ouvimos alguns rumores sobre o caso de A.V.B. e tentamos entrevistá-lo, para assim podermos publicar o seu relato em nosso Boletim. Entretanto, era difícil a localização de A.V.B., uma vez que não era citado o seu nome e nem o da sua localidade, pelos próprios órgãos brasileiros que discutiam o assunto, e que são ligados a organismos internacionais de pesquisa secreta e confidencial, como por exemplo o CBPCOANI (Centro Brasileiro de Pesquisa Confidencial de Objetos Aéreos Não Identificados) de São Paulo.

Na época, o "UFO Critical Bulletin" (jan./fev. 1950 - pág. 2), editado então pelo advogado paulista Dr. Escobar Paria, escreveu: "A woman, but not monstrous, and a peasant, had sexual intercourse inside a Flying Saucer...". Certa ocasião, porém, por uma rara e feliz oportunidade, a SBEDV soube do nome da localidade em que se dera o acontecimento. Mesmo assim, porém, houve uma grande dificuldade, já que existem no Brasil 4 localidades com o mesmo nome, sendo uma delas às

margens do longínquo Rio São Francisco, e assim, praticamente inacessível para nós.

Como tentativa sem resultado, visitamos a cidade Francisco de Salles, situada em ramal ferroviário que, saindo de Barra Mansa (Est. do Rio de Janeiro), se dirige para a zona da mata (Minas Gerais). Felizmente, o local próximo, após Francisco de Salles (hoje denominado São Vicente de Minas), e de nome Minduri, prestou-se para a pesquisa sobre o caso de aparecimento de tripulantes (de DV) de porte gigantesco (3 m e 6 m de altura - veja Bol. nº 8 pág. 3). Assim sendo, não se perdeu totalmente a utilidade da viagem.

Quatro anos mais tarde, em 1962, de posse de novas informações, dois pesquisadores (Dr. Mário Prudente Aquino e Dr. Walter Buhler -fig. nº 3) da SBEDV dirigiram-se, na época dos feriados de Carnaval, para o 3º local chamado Francisco de Salles, situado no triângulo mineiro, perto do Rio Grande (o qual ali forma fronteira entre os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso), e a uns 150 km a leste da fronteira com Mato Grosso.

A equipe da SBEDV saiu do Rio de Janeiro, pela manhã, tendo atravessado as cidades de São Paulo, à noite, e de São José do Rio Preto, na madrugada, para então alcançar a cidade de Riolândia (ver fig. nº 7), situada próxima do rio Grande. Para tanto, foram gastas cerca de 36 h de viagem, tendo havido baldeação em 4 ônibus.

A segunda noite da viagem foi então merecidamente passada nas camas de confortável hotel de Riolândia, cujo proprietário era parente próximo do Dr. Mário e prestou adicionalmente, aos dois pesquisadores, valiosas informações.

No dia seguinte (3º dia de viagem), pela manhã, num ônibus, e por meio de uma balsa, atravessamos o rio Grande e finalmente alcançamos a pequena localidade de Francisco de Salles (ver fig. nº 7). Na época, ela era constituída, a bem dizer, por um alargamento da estrada, em forma de um espínzal em quadrilátero, de uns 300 m de comprimento por uns 70 m de largura, cercado por talvez duas dúzias de pequenas casas.

CIPEX e GENA

2004

Uma das casinhas era a farmácia, e lá devia localizar-se a única pessoa que poderia nos ajudar na pesquisa. Porém, pelo cansaço ou esquecimento, confundimos o nome de Vilas Boas, com outro, e todos os nossos esforços pareciam debalde, quando, insistentemente resolvemos relatar a ocorrência, fazendo assim uma última tentativa. Felizmente, então, tudo se esclareceu e o farmacêutico mandou um ciclista com uma mensagem à fazenda de Vilas Boas, o qual, após uma hora e meia, apareceu em trote célere no seu cavalo.

Aí surgiu então outra dificuldade ainda maior, de natureza psicológica, porquanto Vilas Boas alegava que já havia prestado, no Rio de Janeiro, um relato completo e minucioso aos pesquisadores Dr. Fontes e Dr. João Martins. Foram necessários cerca de 20 a 30 minutos de pedidos insistentes, fazendo valer a sinceridade da SBEDV na pesquisa da verdade do assunto DV, e também pelo argumento de termos gasto tempo e muito esforço físico, tudo após 4 anos de longa espera.

Mesmo assim, a entrevista que conseguimos foi uma das mais breves, não tendo ultrapassado os 15 minutos, porquanto Vilas Boas, mesmo com todas as nossas explicações, continuava tenso, nervoso e desconfiado. Desistimos até de algumas das nossas perguntas referentes aos lances mais íntimos do contato, porquanto Antônio corava, tornando-se reticente, e de cenho franzido, deixando-nos suspeitar de uma súbita e próxima interrupção de nosso diálogo.

Tivemos também grandes dificuldades para ensinar a Antônio como executar um desenho em planta (vista de cima), para que ele próprio fizesse um do engenho em que entrou. Entretanto, o desenho da elevação (vista lateral) do objeto foi por ele executado sem grande dificuldade.

Esclarecemos isto porque a SBEDV apreciava bastante o valor que encerram os croquis executados pelas próprias testemunhas. Sempre que possível procuramos complementar esses desenhos por meio de outros, os "desenhos falados", executados por desenhistas, a partir de informações verbais da testemunha. Esta é a técnica preconizada pelo CICOANI (Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados), de Belo Horizonte.

Antes que Antônio subisse em seu cavalo para voltar à casa, chegamos a conquistar-lhe a confiança de tal modo, que, no dia seguinte, o Dr. Mário foi acolhido na fazenda dos Villas Boas, no seio da família. Assim, inteirou-se demoradamente de diversos assuntos, como, por exemplo, a constituição topográfica do local da aterrissagem, que se pode apreciar no croquis artístico, feito na ocasião, pelo próprio Dr. Mário (veja fig. nº 5).

A altura da árvore, protótipo, homenagem, glória colhida de sua própria contribuição
Posteriormente, por carta aérea, recebemos de A.V.B. valiosos dados adicionais: a sua idade (nasceu em maio de 1934); sua altura (disse ter 1,69m); e um desenho que ele mesmo fez, mostrando, em vistas de frente e de costas, um dos tripulantes mascarados (ver fig. nº 1 A e 1 B), assinalando com a sua própria letra as explicações necessárias para o desenho. No papel desses desenhos, adicionamos, a máquina, as respectivas traduções para o inglês, já que o nosso Boletim nº 26/27, para maior difusão mundial, naquela época, foi impresso nessa língua.

de dados p/conta de ter sido da ocorrência e/o
Chamamos a atenção do leitor para o fato de que, em alguns pontos, há pequenas divergências entre o texto do Dr. O. Fontes, e o da SBEDV. Como exemplo, entre outros, citamos a altura de A.V.B. a qual, segundo ele próprio (na carta citada), seria de 1,69m; segundo o relatório do Dr. O. Fontes, seria de 1,64m. As discrepâncias, entretanto, não constituem argumento contra a veracidade dos relatos, pelo que expomos a seguir: *Engano - e para mais - na própria altura em 1962?*

I) - O relato feito ao Dr. O. Fontes foi realizado pouco tempo (cerca de 4 meses) após a ocorrência, época em que A.V.B. ainda se encontrava sob o impacto emocional. Por outro lado, entretanto, as várias minúcias, dos fatos que viveu, ainda estavam perfeitamente gravadas em sua memória. Além disto, A.V.B. teve, na ocasião, tempo suficiente para relatar tudo com muita calma.

II) - O relato feito à SBEDV ocorreu mais de 4 anos após o episódio protagonizado por A.V.B.. Nessa época, muito naturalmente, certos detalhes já lhe haviam fugido da memória. Além disto, a sua relutância em dar uma nova entrevista, e o retraimento em que se situou, também contribuíram para que esse 2º depoimento tivesse algumas pequenas diferenças em relação ao 1º, e também não fosse tão completo. Soma-se a tudo isto o fato de essa 2ª entrevista ter sido feita muito rapidamente (com a vantagem, porém, de o pesquisador ter estado no próprio local da ocorrência, podendo testar até mesmo algumas reações da testemunha, por meio de perguntas bem feitas).

O leitor atento verificará porém que, basicamente, os dois relatos coincidem em sua essência, traduzindo a honestidade daqueles que fizeram os respectivos relatórios, mesmo publicando algumas coisas às vezes um pouco diferentes (o que demonstra fidelidade ao relato ouvido).

3 D) - A DIFUSÃO

Foi a difusão (em nosso Boletim nº 26/27, de 1 de junho de 1962), desse resumido e rápido relato colhido pela SBEDV 4 anos após o episódio, que possibilitou entretanto chegasse ao público um relato muito melhor, muito mais completo (aquele feito pelo Dr. Fontes), porquanto foi colhido somente uns 4 meses após o episódio, ainda com os detalhes mínimos imprimidos de realce na memória de A.V.B. Este ficou hospedado aqui no Rio de Janeiro, a convite do Dr. O. Fontes, durante uma semana, período no qual pôde fazer os seus diversos relatos e ser submetido a diversos testes.

15 anos após à sua feitura, e continuando até hoje com a mesma importância da época em que foi elaborado, o leitor encontrará, mas adiante, o magnífico relatório, como uma homenagem póstuma ao ufólogo patricio Dr. O. Fontes, falecido prematuramente em 9 de maio de 1968, um mês antes de completar 44 anos de idade.

Por uma coerência e para análise comparativa, publicamos, logo após o 1º, o resumido relatório da SBEDV, tradução do texto inglês do Boletim nº 26/27 (de 01/06/62), que teve o seu impacto, conforme passamos a explicar:

O relato contido no Bol. nº 26/27, da SBEDV, foi captado pelo olho perscrutador do Sr. Gordon Creighton, da "Flying Saucer Review", que iniciou uma troca de correspondência com a SBEDV, indagando sobre a verdadeira identidade de A.V.B., uma vez que no texto só havia as iniciais do nome, com o fim de proteger o anonimato de Antônio, conforme a promessa a ele feita pela SBEDV.

Na série publicada pela Flying Saucer Review (F.S.R. de Jan/fev. e julho/agosto 1965), sob o título "O caso mais surpreendente" ("The most amazing case of all"), o senhor Creighton adotou o pseudônimo "Ademar", para o nome de A.V.B.. Também transpôs imaginariamente, o verdadeiro local da ocorrência, para a longínqua cidade (em relação do Rio de Janeiro, sede da SBEDV) de Ponta Porã, em Mato Grosso.

Devemos esclarecer que Mr. Creighton, como experimentado diplomata inglês com largo exercício profissional no Brasil, estava à vontade para calcular a distância gasta pela equipe da SBEDV durante os seus 3 dias de viagem pelo interior, conforme já expusemos.

A publicação da F.S.R. produziu um verdadeiro milagre de difusão, tanto que a revista "O Cruzeiro Internacional" publicou uma série de 3 reportagens (16 janeiro/65; 1 fevereiro/65 e 16 fevereiro/65), em espanhol, sobre o caso de A.V.B., autoria do seu então colaborador, o jornalista e engenheiro Dr. João Martins, o qual adotou então o pseudônimo de "Heitor Durville", porém citou pela primeira vez, ao público, o nome do protagonista Antônio Villas Boas, e o local da ocorrência.

Uma vez que estava quebrado o segredo que até então envolvia o caso, nenhuma objeção mais havia para que não se fizesse a difusão, na íntegra, do extenso e perfeito relatório do Dr. Fontes, tanto mais porque o Dr. João Martins participou pessoalmente da pesquisa do Dr. O. Fontes.

A tarefa de lançar a ponte de ligação com o Dr. O. Fontes coube ao nosso amigo Dr. Mário Prudente de Aquino, co-autor da pesquisa da SBEDV, e portador de um gênio afável e dotado de grande sensibilidade psicológica. O Dr. Mário conseguiu do Dr. O. Fontes, para a SBEDV, o completo relatório, com a honrosa incumbência de encaminhá-lo para o Sr. Gordon Creighton, da F.S.R.. Isto só foi realizado após fazer ao Dr. Fontes a meritória recomendação de uma aproximação direta com a revista inglesa.

CIPEX e GENA

2004

Assim, o Dr. Fontes encaminhou à revista inglesa o seu relatório, já vertido para o inglês por Dna. Irene Granchi, acompanhado de uma carta de agradecimento datada de 25 de abril de 1966.

O importante relato foi com destaque publicado pela F.S.R., nas 5 edições seguintes: Julho/ag. de 1966, pág. 23; set./out. de 1966, pág. 22; nov/dez. de 1966, pág. 14; Jan./fev. de 1967, pág. 25 e maio/jun. de 1967, pág. 22.

O Sr. Creighton iniciou a série com uma exposição onde lembrou todos os trâmites e focalizou outrossim uma divergência entre o relato original do Dr. Fontes (em português, encaminhado pela SBEDV), e a tradução inglesa feita pela tradutora da APRO, Dna. Irene Granchi. Nesta última estavam faltando trechos, referindo-se a isto, o Sr. Creighton, da maneira seguinte: "Peço-lhe (Dr. Fontes) que solicite à tradutora Irene Granchi a verificação de que grande parte de seu valioso trabalho foi aproveitado em minha revista, de vez que eu incluí, na versão por ela feita, uma ou duas passagens constantes de seu (Dr. Fontes) relatório original e que foram por ela omitidas. Não sei quais foram os motivos que ditaram a supressão dos trechos que recoloquei na exposição feita pelo Dr. Fontes. Eu (Sr. Creighton), entretanto, não me preciso justificar por ter publicado "palavra por palavra", esse relatório, de vez que se refere ao MAIS SURPREENDENTE EPISÓDIO ligado a um assunto empolgante, e precisamos torná-lo integralmente acessível a todos aqueles que estão voltados para seu estudo".

Decorrido sete anos dessa declaração, chamamos a atenção do prezado leitor, e dos ufólogos brasileiros, para a lisura com que se portou o ufólogo inglês no seu pronunciamento, recordando aqui as suas palavras: "Devemos, porém, evidenciar a verdade, em qualquer circunstância!!!" (conforme ele se expressou, em carta recente à SBEDV - Let. Bol. nº 85/89, pág. 41).

Assim, foram as trombetas da revista inglesa que definitivamente despertaram a bela princesa (o relato de A.V.B.) adormecida no encantado castelo (o segredo

É possível que, para tudo isso, também tivessem contribuído o ânimo e o esforço da SBEDV, durante anos a fio, e no ensejo da pequena "aventura" vivida em Francisco de Salles, bem como o seu curto "relato prévio".

Antes de apresentarmos os 2 relatos mencionados, permitam-nos recapitular o seguinte:

- 1º - Houve um encontro entre terrestre e extra-terrestres (conforme a F.S.R.: "A close encounter, the closest ever known...").
- 2º - A entidade extra-terrestre possuía feições semelhantes às de uma das raças terrestres.
- 3º - No momento, uma poderosa força da "ala política da pesquisa" procura alterar esses fatos (leia item nº 17 no Bol. nº 85/89 da SBEDV).

CIPEX e GENA
2004

3 E) - RELATO DO DR. CLAVO T. FONTES

(Mencionado, em seu arquivo, como "Depoimento nº 5")

DEPOIMENTO do Sr. Antônio Villas Boas, prestado em meu consultório, na tarde do dia 22 de fevereiro de 1958, em presença de uma testemunha, o jornalista João Martins.

- O meu nome é Antônio Villas Boas. Tenho 23 anos de idade e sou lavrador de profissão. Vivo com minha família em uma fazenda que possuímos próximo à localidade de São Francisco de Salles, em Minas Gerais, perto da fronteira de São Paulo. Tenho 2 irmãos e 3 irmãs, que vivem todas nas redondezas (havia mais 2 que já faleceram). Sou o penúltimo filho. Todos nós, os homens, trabalhamos na fazenda. Temos muita plantação e vários rebanhos e possuímos um trator a gasolina (Internacional) para a aragem da terra. Em época de cultivo trabalhamos com o trator em dois turnos: de dia o serviço é feito por 2 trabalhadores pagos para isso; à noite em geral trabalho eu, sozinho (durmo então durante o dia), ou, às vezes, em companhia de um de meus irmãos. Sou solteiro e tenho boa saúde. Trabalho muito e faço também um curso por correspondência, estudando quando posso. Vim ao Rio com sacrifício pois não podia abandonar o serviço da fazenda; faço muita falta. Achei que era meu dever vir contar os estranhos acontecimentos em que estive envolvido e estou disposto a seguir o que os senhores acharem melhor — inclusive a prestar depoimento perante as autoridades civis ou militares. Gostaria contudo de voltar o mais depressa que puder, pois muito me preocupa a situação em que deixei a fazenda.

Tudo começou na noite de 5 de outubro de 1957. Houve uma festa lá em casa e fomos dormir mais tarde, às 11 horas. Estava no quarto com meu irmão João Villas Boas. Por causa do calor, resolvi abrir a janela do quarto, que dava para o curral. Vi então, no centro do curral, um reflexo fluorescente prateado, mais claro do que a luz da Lua, iluminando todo o solo. Era uma luz muito branca, que não sei de onde vinha. Era como se viesse do alto, como a luz de um farol de automóvel, que se espalhasse ao iluminar o lugar onde batesse. Mas não se via nada no céu, de onde pudesse vir a luz. Chamei meu irmão e mostrei a ele. Mas ele é muito cismado e disse que era melhor irmos dormir. Fechei então a janela e nos deitamos. Algum tempo depois, não conseguindo dominar a curiosidade, voltei a abrir a janela. A luz ainda estava lá, no mesmo lugar. Eu ia observar mais tempo, mas aí a luz começou a mover-se devagar, vindo na direção da janela. Fechei-a então depressa, tão depressa que ela bateu com força e o barulho acordou meu irmão, que já estava dormindo. Juntos vimos, na escuridão do quarto, a luz penetrar por pequenas frestas da janela e depois mover-se para o telhado, iluminando por entre as telhas. Aí ela se apagou e não voltou mais...

O segundo episódio ocorreu na noite de 11 de outubro. Devia ser entre 9 1/2 a 10 horas, mas não posso garantir pois estava sem relógio. Trabalhava com o trator arando um campo, acompanhado pelo meu outro irmão. De repente vimos uma luz muito forte (a ponto de ferir a vista), parada na ponta norte do campo. Quando a vimos já estava lá e já era grande, arredondada e de tamanho aproximado de uma roda de carroça. Parecia estar a uns 100 metros de altura e era de uma cor vermelho-clara, iluminando uma larga área do solo. Devia haver algum objeto dentro da luz, mas

não posso afirmar pois ela era muito forte para que se pudesse ver mais alguma coisa. Chamei meu irmão para irmos lá ver o que era aquilo. Ele não quis e eu fui sozinho. Quando cheguei perto a coisa se mexeu de repente e, numa velocidade enorme, se moveu para a ponta sul do campo, aonde parou. Fui atrás outra vez. Mesma manobra, voltando agora para o local inicial. Continuei tentando e a manobra se repetiu durante 20 vezes. Já estava cansado e desisti, voltando para junto do irmão. A luz ficou imóvel por mais alguns minutos, parada ao longe. De vez em quando parecia emitir raios para todas as direções, como os do Sol poente, com cintilações. A seguir, sumiu repentinamente, como se se apagasse. Não tenho certeza pois não me lembro se olhei só naquela direção o tempo todo. Talvez tenha olhado em outra direção por alguns segundos e ela tenha subido com velocidade e desaparecido antes que eu olhasse para lá de novo.

1957 CONT

No dia seguinte, 15 de Outubro, eu estava sozinho trabalhando com o trator no mesmo local. À noite estava fria e o céu muito limpo, com muitas estrelas. Exatamente à uma hora da madrugada, vi de repente uma estrela vermelha no céu. Parecia mesmo uma dessas estrelas maiores, de brilho forte. Mas não era, como logo verifiquei, pois começou a aumentar rapidamente de tamanho como se estivesse vindo em minha direção. Em poucos instantes transformou-se num objeto ovoide, fortemente luminoso, que vinha em minha direção a uma velocidade espantosa. Tão depressa ele se deslocava que, antes que eu pudesse pensar no que devia fazer, já estava por cima do trator. Aí esse objeto parou de repente e desceu até ficar a talvez uns 50 metros acima de minha cabeça, iluminando o trator e o chão em volta como se fosse dia, com uma luz vermelho-clara, tão forte que dominava completamente a luz dos faróis do trator, que estava acesa. Naquele momento fiquei apavorado, pois não sabia o que era aquilo. Pensei em fugir com o trator mas vi que, com a pouca velocidade que o mesmo desenvolvia, seriam poucas as chances de sucesso, dada a grande velocidade mostrada pelo objeto — que continuava parado em pleno ar. Pensei também em saltar ao chão e sair correndo ... mas a terra fofa, revolvida pela pás do trator, seria um obstáculo difícil na escuridão. Seria penoso correr enterrando as pernas até o joelho naquele chão traiçoeiro; se metesse o pé em um buraco poderia até mesmo quebrar uma perna. Fiquei naquela agonia, sem saber o que fazer, talvez uns dois minutos. Mas aí o objeto luminoso se moveu para a frente e parou de novo a uns 10 ou 15 metros adiante do trator. Começou então a descer para o solo, bem lentamente. Foi se aproximando e pude ver, pela primeira vez, que era um aparelho estranho, de feitio meio arredondado, todo rodeado de pequenas luzes arroxeadas e com um grande farol vermelho na frente, de onde parecia vir toda aquela luz que eu via quando o mesmo estava mais alto — e que impedira que eu pudesse distinguir qualquer outro detalhe. Mas agora via-se perfeitamente a forma daquela máquina, que era semelhante à de um grande ovo alongado e tinha três esporões metálicos na frente (no meio e dos lados); eram três hastes de metal, grossas na base e afinando na ponta, cuja cor não se podia determinar pois estavam envolvidas de uma forte fosforescência (ou luz fluorescente como a de um anúncio luminoso) avermelhada — da mesma cor da luz do farol dianteiro. Na parte superior do aparelho havia uma "coisa" que girava a grande velocidade e também emitindo uma forte luz fluorescente avermelhada. Essa luz foi mudando para uma cor esverdeada no momento em que o aparelho diminuiu a sua marcha de descida, para pousar, isto correspondendo, na minha impressão, a uma diminuição da velocidade de rotação daquela parte giratória, que pareceu tomar a forma de um prato circular, ou cúpula achatada, nesse momento (antes não se distinguia a forma). Não posso afirmar se esta era a forma real daquela parte giratória que havia no topo do aparelho, ou simplesmente uma impressão dada pelo movimento — porque em nenhum momento (mesmo depois, com o aparelho no solo) a mesma deixara de girar.

CIPEX e GENA

2004

Naturalmente, a maior parte dos detalhes que estou descrevendo foram observados mais tarde. Naquele primeiro momento, eu estava muito nervoso e angustiado para vêr muita coisa. De tal forma que, quando vi três suportes de metal (formando um tripé) surgirem debaixo, quando este estava já a poucos metros do solo — perdi completamente o pouco controle que me restava ... Aquelas pernas de metal eram evidentemente para escorar o peso do aparelho quando ele tocasse o chão em seu pouso. Não cheguei a vêr isto acontecer porque puz o trator em movimento (o motor estava trabalhando o tempo todo) e movi-o para um lado, tentando abrir caminho para fugir. Mas não havia chegado a andar poucos metros quando o motor "morreu" de repente e, ao mesmo tempo, as luzes dos faróis se apagaram sozinhas. Não consigo explicar como aquilo aconteceu pois a chave do motor estava ligada e os faróis continuavam também ligados. Quis fazer funcionar de novo o motor, mas o motor de arranque estava isolado e não deu sinal de vida. Abri então a porta do trator, do lado oposto àquela onde se encontrava o aparelho, e saltei para o chão, começando a

correr. Mas parece que perdi um precioso tempo tentando movimentar o trator, pois não dera mais do que alguns passos quando meu braço foi agarrado por alguém...

OBS.: Esta descrição, dos primeiros momentos após o aparecimento do aparelho sobre o trator, está diferente da que Villas Boas fez em uma de suas cartas ao João Martins, em Novembro passado. Lá ele contava que, vendo o "objeto" parado sobre o trator, e impossibilitado de fugir do mesmo dada a sua velocidade reduzida, bem como de fugir a pé por causa do perigo e embaraço representado pela terra revolvida — resolveu desligar o motor e esperar para ver o que ia acontecer. A seguir, assistira o aparelho pousar pouco adiante em seu tripé metálico e vira abrir-se a porta do mesmo, descer a escada, e apareceram dois homens em roupas estranhas. Um deles começou a descer a escada, enquanto o outro fizera um gesto para ele convidando-o a se aproximar e a entrar no aparelho. Somente nesse momento ele entrara em pânico e tentara ligar o trator. Não o conseguindo, por estar "isolado" o motor de arrenço (não há referência aos faróis), e vendo um dos homens já no chão e o outro no meio da escada, abandonara precipitadamente o veículo pela porta do lado oposto, sendo agarrado poucos passos adiante pelo primeiro perseguidor. Daí por diante, as duas versões conferem. Esta contradição foi a única que conseguimos apurar em seu interrogatório. Não pedimos explicação a respeito, anotando-a simplesmente, para avaliação futura. A sua existência constitui uma das razões da incredulidade de João Martins a respeito do caso.

CIPEX e GENA

2004

O meu perseguidor era um homem baixo (batia no meu ombro) vestido de uma roupa estranha. No meu desespero, girei o corpo com violência e dei-lhe um forte empurrão que o desequilibrou. Foi obrigado então a me largar e a cair para trás com o impulso, perdendo o equilíbrio e indo ao chão onde caiu de costas, a uns dois metros de distância. Procurei aproveitar a vantagem obtida, para continuar a fuga, mas aí fui atacado ao mesmo tempo por três outros indivíduos, pelos lados e pelas costas. Agarraram-me pelos braços e pernas e me levantaram do chão, o que me tirou qualquer possibilidade de defesa. Podia apenas me debater e retorcer o corpo, mas a pegada deles era firme e não me largaram. Comecei a gritar por socorro em altos brados e a xingá-los, e a exigir que me soltassem. Notei, à medida que me arrastavam para o aparelho, que a minha falação os deixava como que surpresos ou curiosos pois paravam de caminhar e olhavam para o meu rosto com atenção toda vez que eu falava — embora sem afrouxar a firmeza com que me seguravam. Isso me acalmou um pouco em relação às suas intenções, mas nem por isso deixei de lutar. Dessa maneira me transportaram até junto do aparelho, pousado a uns dois metros do solo, sobre as três escoras metálicas de que já falei. Havia uma porta aberta na metade traseira do mesmo. Essa porta se abria de cima para baixo, formando como que uma ponte em cuja ponta estava presa uma escada metálica, feita do mesmo metal prateado que havia nas paredes do aparelho. Essa escada se havia desenrolado até o chão. Fui içado por ali, tarefa que não foi fácil para eles. A escada era estreita, mal dando espaço para duas pessoas, uma ao lado da outra. Além disto, era móvel e flexível, oscilando de um lado para outro com os meus esforços para me libertar. Havia também um corrimão de metal roliço de cada lado, da grossura de um cabo de vassoura talvez, para ajudar a subida; a ele me afoquei várias vezes procurando impedir que me levassem — obrigando-os a parar para soltar minhas mãos. Esse corrimão era também flexível (tive a impressão mais tarde, ao descer, de que não era inteiriço, mas sim formado de pequenas peças de metal, articuladas umas dentro das outras).

Uma vez dentro do aparelho, vi que havíamos entrado numa pequena saleta quadrada, cujas paredes de metal polido brilhavam com reflexos à luz fluorescente que vinha do teto, emitida por numerosas lâmpadas pequenas, de forma quadrada, embutidas no metal desse teto e dispostas por toda a volta do mesmo, por fora junto às paredes. Não pude contar quantas eram pois logo me puzeram de pé no chão — assim que a porta externa subiu, trazendo na ponta a escada enrolada e presa, e se fechou. A iluminação era tão boa que parecia de dia. Mesmo nessa luz branca fluorescente não se distinguia mais onde era a porta de fora, que ao fechar parecia ter se transformado em parede. Eu só sabia onde ela era por causa da escada de metal presa na parede. Não pude observar mais detalhes por que um dos homens — eram cinco ao todo — me fez sinal com a mão para que caminhasse na direção de uma outra sala que se entrevia por uma porta aberta do lado oposto à porta de fora. Não sei se essa segunda porta já estava aberta quando entrei, pois só então olhei naquela direção. Resolvi obedecer, pois continuavam me segurando e agora eu estava fechado lá dentro, com eles, e não tinha outra escolha.

Deixamos a saleta, na qual não vi nenhum móvel ou aparelho, e entramos numa sala ampla, bem maior e de formato meio oval, iluminada conforme o outro compartimento e com as mesmas paredes de metal prateado e polido. Acho que essa sala era no centro do aparelho porque no meio dela havia uma coluna de metal que ia do teto até o chão, larga em cima e em baixo, e afinando bastante para o meio. Era roliça e parecia maciça; acho que não estava ali só para enfeitar; devia servir para escorar o peso do teto. Os únicos móveis que pude observar foram uma mesa de forma esquisita, que estava num dos lados da sala, rodeada de várias cadeiras giratórias sem encosto (semelhantes aos bancos que se usam em bares). Era tudo do mesmo metal branco. Tanto a mesa como os bancos afinavam para baixo num pé único que era preso no chão (no caso da mesa), ou articulado a um anel móvel preso por três suportes que saíam para cada lado e se embutiam no chão (no caso dos bancos, permitindo assim que as pessoas neles sentadas virassem para qualquer lado).

Durante intermináveis minutos permaneci de pé naquela sala, sempre seguro pelos braços (por dois homens) enquanto aquele povo estranho me observava e conversava a meu respeito... Digo "conversar" apenas por maneira de dizer, pois na verdade o que eu ouvia não tinha nenhuma semelhança com uma conversa de gente: eram ganidos, ligeiramente semelhantes aos úivos de um cão. Essa semelhança era muito pequena, mas é a única que posso dar para tentar descrever aqueles sons — diferentes de tudo que já ouvi até hoje. Eram ganidos lentos, nem muito finos nem muito roucos, uns mais longos, outros mais curtos, às vezes com vários sons diferentes ao mesmo tempo, outras vezes com um tremido no fim. Mas eram somente sons, ganidos de animais, não se distinguindo nada que pudesse ser tomado como o som de uma sílaba ou de uma palavra em língua estrangeira. Nada disso... Para mim era tudo igual e por isso não pude guardar nenhum nome. Não posso explicar como é que aquela gente podia se entender daquele jeito. Ainda fico arrepiado quando penso naqueles sons. Não posso reproduzir para os senhores; só ouvindo... A minha voz não dá para isto.

CIPEX e GENA

2004

Quando os ganidos terminaram, parece que já haviam resolvido tudo, pois me agarram de novo — os cinco — e começaram a tirar minha roupa, à força. Entramos em luta novamente, eu resistindo e procurando dificultar ao máximo o que eles faziam. Protestava e xingava também, em altos brados. Eles evidentemente não entendiam, mas paravam e olhavam para mim, como se quizessem mostrar que eram educados. Por outro lado, embora usando força, em nenhum momento me machucaram seriamente e nem sequer rasgaram a minha roupa, a não ser talvez a camisa (que já estava rasgada antes, razão pela qual não posso ter certeza).

Fiquei inteiramente despido, já de novo angustiado e sem saber o que me ia acontecer. Um dos homens então se aproximou, tendo à mão uma coisa que parecia uma espécie de esponja molhada e, com ela começou a me passar um líquido na pele. Não devia ser uma esponja dessas de borracha comum, porque era muito mais macia. O líquido era claro como água mas bem grosso e sem cheiro; pensei que fôsse algum óleo, mas estava enganado, pois a pele não ficou engordurada nem oleosa. Passaram-me esse líquido pelo corpo todo. Eu estava com frio, porque a temperatura da noite (lá fora) já era baixa, sendo nitidamente mais baixa dentro das duas salas do aparelho; quando me tiraram a roupa comeci a tiritar e agora ainda havia esse líquido para piorar a situação. Mas parece que o mesmo secou depressa e no fim não senti muita diferença.

Fui então conduzido por três daqueles homens na direção de uma porta que havia do lado oposto aquela por onde entráramos, que estava fechada. Fazendo-me sinais com as mãos, para que os acompanhasse, e ganindo um para outro de vez em quando, foram ele naquela direção — e eu no meio. O que ia na frente empurrou qualquer coisa no meio da porta (não pude vê-la o que era; talvez uma argola ou um botão), que se abriu para dentro, em duas metades, como uma porta de bar. Essa porta, quando fechada, ia do teto até o chão e trazia na parte de cima uma espécie de letreiro (ou coisa parecida) luminoso, traçado em sinais vermelhos que, por efeito da luz, pareciam fazer saliência a uns dois dedos para fora do metal da porta. Essa escrita foi a única coisa do tipo, que vi dentro do aparelho. Eram rabiscos completamente diversos das letras que conhecemos. Procurei guardar de memória a sua forma e foram aqueles que desenhei na carta que mandei para o Sr. Martins. Atualmente já esqueci como é que eles eram.

Mas voltando aos acontecimentos: a tal porta dava entrada para uma saleta menor, meio quadrada, iluminada como as outras. Depois que entramos (eu e dois dos homens) a porta se fechou atrás de nós. Olhei então para trás e vi uma coisa

que não sei explicar: não havia mais porta nenhuma; apenas se via uma parede igual às outras. Não sei como é que se fazia aquilo. Só se com a porta fechada descia algum anteparo que a escondia da gente. Não pude compreender. O certo é que logo depois a parede se abriu e era porta de novo; não vi nenhum anteparo. Desta vez entraram mais dois homens trazendo nas mãos dois tubos de borracha vermelha, bem grossos, com mais de um metro de comprimento cada um. Se havia alguma coisa dentro deles, não posso dizer, mais sei que eram ôcos. Um desses tubos foi adaptado numa das pontas a um frasco de vidro em forma de cálice. A outra ponta tinha um biquinho, em forma de ventosa, que foi aplicado na pele do meu queixo, aqui onde os senhores estão vendo esta mancha escura que ficou como cicatriz. Antes disso, porém, o homem que executou a manobra expremeu o tubo com as mãos, como se tivesse posto o ar para fora. Não senti nenhuma dor ou picada na hora; apenas a sensação de que minha pele estava sendo sugada ou aspirada. Mas depois o lugar ficou ardendo e coçando (e mais tarde verifiquei que a pele tinha ficado ferida, esfolada). Aplicada a borracha, vi meu sangue entrar pouco a pouco dentro do cálice — enchendo-o até à metade. Aí a coisa parou e o tubo foi retirado e substituído pelo outro que estava de reserva. Fui então sangrado de novo no queixo, aqui deste outro lado onde os senhores podem vêr outra mancha escura igual à outra. Dessa vez o cálice encheu até em cima e a ventosa foi então retirada. A pele também ficou esfolada no lugar, ardendo e coçando como no outro lado. Fui então deixado sozinho; os homens saíram e a porta se fechou sobre eles.

CIPEX e GENA

2004

Fiquei largado ali durante um tempo enorme, talvez mais de meia hora. A sala era vazia, contendo no centro um largo divã como que um leito, mas sem encosto e sem beirada, e um tanto incômodo para alguém deitar, por ser muito alto no meio, onde existia um verdadeiro cocoruto. Mas era macio, como se fôsse feito de borracha esponjosa, sendo recoberto por um tecido grosso de cor cinzenta e também macio. Sentei-me ali pois sentia-me cansado depois de tanta luta e tantas emoções. Foi então que senti um cheiro estranho e comeci a ficar enjoado. Era como se estivesse respirando uma fumaça grossa que abafasse a minha respiração, dando a impressão de um cheiro de pano pintado que estivesse sendo queimado. E estava mesmo, por que examinando as paredes notei pela primeira vez a existência de uma porção de tubinhos metálicos que faziam saliência à altura de minha cabeça, fechados mas cheios de furinhos (como os de um chuveiro) por onde saía uma fumacinha cinzenta que se dissolvia no ar. Essa fumaça era a causa daquele cheiro. Não sei se já estava saindo na hora em que os homens me tiraram o sangue, pois não reparei. Talvez com a porta abrindo e fechando o ar tivesse circulado melhor, não dando para que eu notasse. Mas agora, de qualquer forma, não me sentia bem e o enjôo aumentou tanto que acabei vomitando. Quando deu a vontade corri para um canto da saleta, onde despejei tudo, vomitando muito. Depois disso, passou a dificuldade de respirar, mas continuei um pouco enjoado com o cheiro daquela fumacinha. Fiquei muito desanimado depois disso, esperando que acontecesse alguma coisa.

É preciso que eu diga que até aquele momento não fazia a menor idéia sobre o aspecto físico e as feições daqueles homens estranhos. Todos os 5 estavam vestidos com um macacão bem justo, feito de pano grosso porém macio, de cor cinzenta com listrinhas pretas aqui e ali. Essa roupa ia até o pescoço onde se unia com uma espécie de capacete feito de um material da mesma cor (não sei o que era) que parecia mais duro e era reforçado atrás e na frente por lâminas de metal fino, uma delas triangular, à altura do nariz. Esse tal capacete escondia tudo, deixando vêr apenas os olhos daquelas pessoas — por traz de dois vidros circulares, parecidos com as lentes que se usam em óculos. Através desses vidros os homens me olhavam; os olhos deles me pareciam bem menores do que os nossos — mas acho que isso era um efeito dos vidros. Todos tinham olhos claros, que me pareceram azuis, mas não posso garantir. Acima dos olhos, os referidos capacetes tinham uma altura que devia corresponder ao dobro da largura de uma testa normal. É provável que houvesse mais alguma coisa por dentro dos mesmos, por cima das cabeças, mas por fora não se via nada. Mais acima, do meio da cabeça, saíam três tubos circulares e prateados (não posso dizer se eram de borracha ou metálicos), um pouco mais finos do que uma mangueira de jardim. Esses tubos, um no centro e mais um de cada lado, eram lisos e se dirigiam para traz e para baixo, curvando-se na direção das costas. Lá eles penetravam na roupa, aonde se embutiam de maneira que não sei explicar, um no meio — na altura da coluna vertebral; os outros dois, um para cada lado, se fixavam abaixo dos ombros a uns quatro dedos por baixo das axilas — quase no lado, no limite com as costas. Não notei nada, nenhuma saliência ou volume que indicasse estarem esses tubos presos a alguma caixa ou aparelho escondido por baixo da roupa.

OBS.: Esta observação deu causa a uma pergunta de minha parte. Disse a Villas Boas que não compreendia como podiam os tripulantes respirar o tempo todo dentro daqueles uniformes e capacetes fechados, não dispondo aparentemente de reservatórios portáteis, semelhantes aos dos escafandristas e mergulhadores, que forneceriam o ar necessário à sua respiração dentro daquele sistema fechado. Ele respondeu; "Não tinha pensado nisto. Não sei como explicar. Não notei nada, nenhuma saliência ou volume que indicassem estarem esses tubos presos a alguma caixa ou aparelho escondido por baixo da roupa".

As mangas do macacão eram compridas e justas indo até os punhos onde se continuavam por luvas grossas, da mesma cor, com cinco dedos, que deviam atrapalhar um pouco o movimento das mãos; observei, a esse respeito, que os homens não conseguiam dobrar completamente os dedos de modo a tocar a palma com as pontas. Essa dificuldade não os impediu, entretanto, de me agarrarem com firmeza, nem de manipularem com habilidade as borrachas para extrair meu sangue. A roupa devia ser uma espécie de uniforme, porque todos os tripulantes do aparelho traziam à altura do peito uma espécie de escudo vermelho do tamanho de uma rodela de abacaxi, que de vez em quando apresentava reflexos luminosos; não era luz própria mas reflexos semelhantes aos de um vidro vermelho desses que ficam por cima dos faróis trazeiros dos automóveis, que refletem a luz do farol de um outro carro, como se tivessem também uma luz. Desse escudo no centro do peito partia uma tira de tecido prateado (ou metal laminado) que se unia a um cinto largo e justo, sem fivela ou presilha, de cuja cor não me recorde. Não havia nenhum bolso visível em nenhum dos macacões; não vi também botões. As calças eram também justas nas cadeiras, coxas e pernas — não se vendo nenhuma dobra ou folga de tecido. Não havia separação nítida no tornozelo entre a calça e os sapatos, que se continuavam um pelo outro, fazendo parte do mesmo conjunto.

CIPEX e GENA

2004

OBS.: Esta descrição do uniforme foi feita em comparação com o vestuário do "Venusiano" de Adamski. As diferenças principais apontadas por Villas Boas estariam na roupa justa, aderente ao corpo, principalmente as calças (que no desenho de Adamski são folgadas, com bastante pano sobrando); na forma e espessura das solas; e na falta de uma separação nítida entre a calça e o calçado, que se continuavam um pelo outro.

As solas, nos pés, apresentavam, entretanto, um detalhe diferente: eram muito grossas, com dois a três dedos de largura e bem viradas (ou arqueadas para cima) na frente, de modo que a ponta dos sapatos, que tinham o aspecto de sapatos de tênis, eram bem arqueadas para o alto — mas sem afinar em ponta como os sapatos dos livros de histórias de antigamente. Pelo que vi depois, esses sapatos deviam ser bem maiores do que os pés que os calçavam. Apesar disso, o andar daqueles homens era bem desembaraçado e eles eram bem ligeiros nos seus movimentos. Aquele macacão todo fechado, contudo, talvez atrapalhasse um pouco, pois os homens andavam sempre um pouco empinados. Todos eles eram da minha altura (talvez um pouco mais baixos, por causa do capacete), com exceção de um só — o tal que me agarrara primeiro lá fora —; esse não chegava à altura do meu queixo. Todos pareciam robustos, mas não o bastante para que eu tivesse medo de apanhar se lutasse com um de cada vez. Acho que em campo aberto poderia enfrentar qualquer um deles de igual para igual.

Mas isso não vinha ao caso na situação em que eu me encontrava...

Depois de um intervalo enorme, um ruído na porta me fez levantar sobresaltado. Voltei-me naquela direção e tive uma surpresa enorme. A porta estava aberta e uma mulher vinha entrando, caminhando na minha direção. Ela vinha devagar, sem pressa nenhuma, talvez se divertindo com a surpresa que devia estar estampada no meu rosto. Eu estava boquiaberto, e não era para menos. A tal mulher estava despi-da, tanto como eu, e descalça. Além disso, era bonita, embora de um tipo diferente dos que eu conhecia. Tinha cabelos de um louro quasi branco (como esses que são oxigenados), lisos, não muito abundantes, compridos até o meio do pescoço e com as pontas encaracoladas para dentro; estavam repartidos no meio da cabeça. Os olhos eram azuis e grandes, mais compridos do que circulares, por serem rasgados para fora (conforme esses olhos pintados com lápis, dessas moças que se fantasiam de princesa árabe, que ficam parecendo rasgados; eram assim, com a diferença de que aqui a coisa era natural, pois não havia pintura nenhuma). O nariz era reto, sem ser pontudo, nem arrebitado, nem grande demais. O contorno do rosto é que era diferente porque as maçãs eram muito salientes, chegando a alargar bem a face (muito mais

do que nas índias); mas logo abaixo o rosto se afinava muito terminando num queixo pontudo; esse aspecto dava à metade inferior do seu rosto uma forma bem triangular. Os lábios eram muito finos; quase não se viam; as orelhas (que vi depois) eram pequenas e não pareciam diferentes das que eu conheço. As tais maçãs salientes davam a impressão de que havia um osso protuberante por baixo; mas, como vi depois, eram macias e carnudas ao toque, não dando a impressão de osso. O corpo era muito mais bonito do que o de qualquer mulher que já conheci: magro, com seios empinados e bem separados, com cintura fina e barriga pequena, com quadris mais desenvolvidos e coxas grossas. Os pés eram pequenos; as mãos eram compridas e finas; os dedos e as unhas eram normais. Ela era bem mais baixa do que eu, batendo a sua cabeça no meu ombro.

CIPEX e GENA

2004

OBS.:— Se a mulher estivesse de capacete, segundo Villas Boas, sua altura seria um pouco maior, chegando à altura do queixo dele. Baseado nisto, e levando em conta que quatro tripulantes tinham (de capacete) uma estatura idêntica à sua, ele afirmou não haver dúvida que essa mulher e o tripulante que o agarrou em primeiro lugar eram uma mesma pessoa. Villas Boas mede 1,64 m, de altura, calçado (medida tomada no consultório). De acordo com suas observações relativas à espessura das solas e ao aumento de estatura provocado pelos capacetes, feitos os devidos descontos, a altura de cada tripulante do sexo masculino devia ser de 1,50 m, ou pouco menos. A mulher sendo de estatura bem menor: os cálculos deram um valor de 1,30 m de altura para ela.

— A afirmação de que a mulher batia em seu ombro, no que se refere à estatura, impossibilitaria — na opinião do Dr. João Martins — que ela esfregasse a cabeça no seu rosto, conforme também disse Villas Boas. Para Martins, esta seria a segunda contradição a assinalar em seu depoimento. Não tenho a mesma opinião. Acho que se a mulher se colocasse nas pontas dos pés, poderia facilmente executar a manobra descrita.

Essa mulher se aproximou em silêncio, olhando-me com uma expressão de que desejava alguma coisa, e me abraçou de repente, começando a esfregar a cabeça no meu rosto, de um lado para o outro. Ao mesmo tempo senti o seu corpo todo colado ao meu, fazendo também movimentos. A sua pele era branca (conforme as louras daqui) e cheia de sardas nos braços. Não senti nenhum perfume nessa pele, nem nos cabelos — a não ser o cheiro da mulher.

A porta se havia fechado de novo. Sozinho, ali com aquela mulher me abraçando e dando a entender claramente o que ela queria, comecei a ficar excitado... Isso parece incrível, na situação em que eu me encontrava. Penso que o tal líquido que me esfregaram na pele foi a causa disso; eles devem ter feito de propósito. Só sei que fiquei numa excitação incontrolável, coisa que nunca me acontecera antes. A cabei esquecendo tudo e agarrei-a, correspondendo aos seus carinhos com outros maiores. Fomos terminar no divã, onde tivemos relações pela primeira vez. Foi um ato normal e ela se comportou como qualquer mulher. Depois houve um período de carícias comuns, seguido de nova relação. No fim ela estava cansada e respirando depressa. Eu continuava animado, mas ela agora negaceava, procurando fugir, me evitar, acabar com aquilo... Quando notei isso, desanimei também. Era isso o que queriam comigo; um bom reprodutor para melhorar a raça deles. Tudo aquilo no fim não era mais nada do que isso. Fiquei com raiva mas logo resolvi não dar importância. De uma maneira ou de outra, tinha passado momentos agradáveis. É claro que eu não queria aquela mulher em troca por uma das nossas. Gosto de uma com quem a gente possa falar, conversar e se entender — que não era o caso. Além disto, certos ganidos que ouvi da sua boca, em alguns momentos, quase que estragavam tudo, dando a desagradável impressão de que eu estava com um animal.

Uma coisa que observei foi que ela não beijou nenhuma vez. Certo momento, lembro que abriu a boca como se fosse fazê-lo, mas a coisa terminou numa dentada de leve no meu queixo, mostrando que não era beijo.

Outra coisa que notei, foi que, excetuando a cabeleira, todos os seus demais pêlos eram bem vermelhos, quase cor de sangue.

Pouco depois de nos termos separado, a porta se abriu. Apareceu um dos homens na soleira e chamou a mulher. Ela saiu então. Mas antes de sair voltou-se para mim, apontou para a sua barriga, em seguida apontou para mim com um sorriso (ou algo semelhante), e apontou finalmente para o céu — na direção do sul, penso

eu. E foi embora... Interpretei esse sinal como um aviso de que ela voltaria para me levar com ela para as paragens onde vivia.

CIPEX e GENA
2004

OBS.: - Esse gesto, segundo Villas Boas, era talvez a causa principal do temor em que ele vivia desde outubro, esperando a volta da estranha personagem, a qualquer momento, para capturá-lo definitivamente. Evidentemente não é esta a explicação mais lógica para o referido gesto. Foi o que mostramos a Villas Boas, sugerindo que provavelmente aquela linguagem mímica teria o significado seguinte: "Vou ter um filho nosso, meu e seu, lá em meu planeta". Ele concordou que essa interpretação realmente parecia melhor do que a sua.

Por causa disso, estou com medo até hoje. Se eles voltarem para me apanhar de novo, estou perdido. Não quero me separar dos meus e da minha terra, de modo nenhum.

A seguir entrou o homem, trazendo a minha roupa no braço. Fez sinal para que eu me vestisse, o que obedeci em silêncio. Minhas coisas estavam todas nos bolsos; só estava faltando o isqueiro (marca "Homero"). Não sei se foi tirado por eles ou se eu o perdi durante a luta em que fui capturado. Por isso, nem tentei reclamar.

Em seguida saímos voltando para a outra sala. Três dos tripulantes do aparelho estavam sentados nas tais cadeiras giratórias, conversando (ou melhor, ganhando) entre si. Aquele que estava comigo foi se juntar a eles, largando-me no meio da sala, perto da mesa de que já falei antes. Eu estava agora inteiramente calmo pois sabia que não me fariam nenhum mal. Procurei passar o tempo, enquanto eles decidiam as suas coisas, tentando observar e guardar todos os detalhes do que eu via (paredes, móveis, uniformes, etc.). Em dado momento, notei que em cima da mesa, perto dos homens, estava uma caixa quadrada tendo uma tampa de vidro que protegia um mostrador como o de um relógio despertador. Havia um ponteiro lá dentro, e uma certa marca preta no lugar que correspondia às 6 horas; marcas iguais existiam nos pontos correspondentes às 9 horas e 3 horas; no lugar do meio-dia, era diferente: havia 4 marquinhos pretos, uma ao lado da outra. Não sei explicar o seu significado — estavam lá assim. No princípio, pensei que o aparelho fosse uma espécie de relógio porque, de vez em quando, um dos homens olhava para ele. Mas penso que não era, pois fiquei de olho bastante tempo e, em nenhum momento vi o ponteiro se mexer. Se fosse relógio isso tinha que acontecer, porque o tempo estava passando.

Tive então a idéia de pegar aquilo para mim. Lembrei-me de que precisava de levar alguma coisa para poder provar a minha aventura. Se pegasse aquela caixa, o problema estaria resolvido. Podia ser que, vendo o meu interesse, os homens resolvessem dá-lo de presente. Aproximei-me devagar; eles estavam distraídos; de repente segurei o tal instrumento nas mãos, tirando-o da mesa. Era pesado; talvez tivesse mais de 2 kg... Mas não tive tempo nem de examiná-lo. Um dos homens se levantou mais ligeiro do que um pé de vento e me arrancou o mesmo das mãos, com raiva, empurrando-me para o lado, e voltando a colocá-lo no seu lugar. Afastei-me então, até sentir as costas tocarem na parede mais próxima. Fiquei ali quieto, embora não tivesse medo. Não tenho medo de homem. Mas era melhor ficar quieto, porque estava provado que eles só me respeitavam quando eu me comportava. Para que tentar alguma coisa que não teria resultado? A única coisa que fiz foi arranhar a parede com as unhas, procurando ver se arrancava uma lasquinha daquele metal. Mas a unha escorregava na parede polida, sem encontrar ponto de apoio. Além disso, o metal era duro e não consegui nada. Fiquei então esperando.

Não mais vi a mulher, depois que ela saiu da outra sala. Mas acho que descobri onde ela estava. Na parte da frente daquela sala ampla havia uma outra porta através da qual eu não passara. Estava agora ligeiramente entresberta e, de vez em quando, eu ouvia ruídos vindo de lá, como que produzidos por uma pessoa se movimentando. Só podia ser a mulher, pois os outros estavam todos na mesma sala que eu, dentro dos seus uniformes e capacetes esquisitos. Imagino que aquele compartimento dianteiro devia corresponder à sala onde ficaria o piloto que dirigia o vôo do aparelho. Mas não pude verificar.

Finalmente um daqueles homens se levantou e me fez sinal para que o acompanhasse. Os outros continuaram sentados, sem olhar para mim. Caminhamos na direção da saleta de entrada e fomos até à porta de entrada, que estava aberta de novo, com a escada já desenrolada. Não descemos, entretanto, pois o homem fez sinal para

que o acompanhasse na direção de uma plataforma que existia dos dois lados da porta. Essa plataforma rodeava o aparelho e, embora estreita, permitia que se caminhasse sobre o mesmo, para os dois lados. Fomos primeiro para a frente. Notei então uma espécie de protuberância metálica, de forma quadrada, que se projetava para fora, para o lado (havia uma coisa igual do lado oposto), bem encaixada no corpo do aparelho. Se essas peças não fossem tão pequenas, julgaria que eram asas para ajudar o vôo. Pelo seu aspecto, penso que talvez servissem para se mover para cima ou para baixo, orientando a subida ou descida. Confesso, contudo, que em nenhum momento, mesmo quando o aparelho levantou vôo, notei qualquer movimento. Não sei portanto explicar para que serviam.

CIPEX e GENA

2004

Mais na frente o homem apontou mostrando as três hastes de metal de que já falei, solidamente encravadas nos lados (as duas laterais) e no bico dianteiro do aparelho (a do meio), como se fossem três esporões metálicos. Eram semelhantes na forma e no comprimento, bem grossas na base e afinadas nas pontas. A posição de cada uma era horizontal. Não sei se eram do mesmo metal do aparelho, porque delas saía uma ligeira fosforescência avermelhada, como se estivessem em brasa. Não senti, contudo, nenhum calor... Na base de implantação de cada uma, um pouco mais acima, estavam embutidas lâmpadas avermelhadas. As laterais eram menores e redondas; a da frente era enorme, também redonda, correspondendo ao farol dianteiro do aparelho que já descrevi. Inúmeras lâmpadas quadradas, pequenas e semelhantes, no aspecto, às que eram usadas na iluminação interna, contornavam o bojo do aparelho, pouco acima da plataforma sobre a qual lançavam uma luz arroxeadada. Na frente, a plataforma não dava a volta completa, acabando junto de um vidro largo e grosso, meio saliente e alongado para os lados, fortemente embutido no metal. Talvez servisse para se olhar para fora, já que não havia janelas em parte alguma. Acho, entretanto, que isso seria difícil pois esse vidro, olhado de fora, parecia muito embaçado. Olhando de dentro não sei como seria, mas não creio que pudesse ser mais transparente.

Penso que os tais esporões dianteiros soltavam a energia que puxava o aparelho para frente, porque quando este levantou vôo, a luminosidade dos esporões aumentou de brilho extraordinariamente, confundindo-se completamente com a luz dos faróis.

Vista a parte da frente do aparelho, voltamos para traz (a parte de traz era mais bojuda que a da frente). Mas antes paramos por alguns momentos e o homem apontou para cima, para onde girava a enorme cúpula em forma de prato. Girava devagar, toda iluminada por uma luz fluorescente esverdeada que não sei de onde saía. Mesmo com aquele movimento lento, ouvia-se um ruído como o de ar aspirado por um aspirador de pó; uma espécie de silvo (como o do ar ao se deslocar aspirado por inúmeros buraquinhos: não vi nenhum buraco; é só para comparação). Mais tarde, quando o aparelho começou a levantar do chão, aquele prato giratório iria aumentar tanto a sua velocidade a ponto de se tornar invisível, ficando-se a ver só a luz, cujo brilho também iria aumentar bastante e que mudaria também de cor — passando para o vermelho-vivo. Nesse momento o som também aumentaria (mostrando ter relação com a velocidade de rotação do prato redondo que girava no topo do aparelho) transformando-se num verdadeiro zumbido ou chiado forte. Não entendi a razão daquelas mudanças, nem compreendo para que serviria esse prato giratório luminoso, que em nenhum momento cessou de rodar. Mas devia ter alguma utilidade, pois estava lá.

Uma pequena luz avermelhada parecia existir no centro daquela cúpula ou prato giratório. O movimento me impediu de verificar com certeza.

Passando para a trazeira do aparelho, cruzamos de novo a porta e fomos caminhando, acompanhando a curva posterior do mesmo. Bem atrás, no lugar de onde, por comparação, sairia a cauda de um avião, havia uma peça de metal, retangular, colocada em posição vertical, de frente para a trazeira, cruzando a plataforma. Mas era baixinha, não passando da altura de meu joelho. Pude facilmente passar por cima dela para ir até o outro lado, e para voltar. Durante essas manobras notei no chão, de um lado e do outro da mesma, duas luzes embutidas e de cor avermelhada, com a forma de dois traços grossos e oblíquos para fora. Pareciam com as luzes dos aviões, embora não piscassem. Por outro lado, acho que a tal peça de metal era uma espécie de leme para mudar a direção do aparelho. Pelo menos vi essa peça virar para o lado, justamente na hora em que o aparelho, já parado no ar a uma certa altura, depois de levantar do chão, virou bruscamente de direção — antes de começar a se mover a uma velocidade fantástica.

Depois de também vista a parte de traz do aparelho, voltamos até à porta. O meu guia apontou para a escada e fez sinal para que eu descesse. Obedeci. Quando pisei no chão olhei para cima. Ele ainda estava lá... Apontou então para ele mesmo, em seguida apontou para a terra, para logo depois apontar para o céu, na direção do sul. Fez ainda um sinal para que eu me afastasse, e desapareceu dentro do aparelho. A escada de metal começou a encolher, os degraus se arrumando uns em cima dos outros, como numa pilha de táboas. Quando chegou lá em cima, a porta (que quando aberta era chão) começou, por sua vez, a subir até se encaixar na parede do aparelho — ficando invisível. As luzes dos esporões metálicos, dos faróis e do prato giratório ficaram mais fortes — enquanto este último rodava cada vez mais de pressa. O aparelho começou a subir lentamente na vertical. Nesse momento, as três hastes do tripé onde o mesmo estava pousado subiram para os lados, sendo que a peça inferior de cada uma (mais fina, roliça e terminando num pé alargado) começou a entrar na peça de cima (bem mais grossa e quadrada); quando isso acabou, a peça de cima começou a entrar para o fundo do aparelho. No fim não se via mais nada; o fundo se apresentava liso e polido como se aquele tripé nunca tivesse existido. Não consegui descobrir qualquer marca indicando o lugar onde as hastes se tinham encaixado. Aquela gente trabalhava bem.

O aparelho continuou a se elevar lentamente no espaço até atingir uma altura de uns trinta a cinquenta metros. Aí ele parou por uns instantes, e ao mesmo tempo sua luminosidade se tornava ainda mais forte. Aquele zumbido de ar se deslocando ficou muito mais intenso e o prato giratório passou a rodar numa velocidade espantosa, enquanto a luz mudava por várias cores até ficar de um vermelho-vivo. Nesse momento o aparelho mudou de repente de direção, num movimento brusco, fazendo um ruído estrepitoso (foi nessa ocasião que vi a peça, que chamei de "leme", virar de lado). A seguir, inclinando-se ligeiramente para um lado, aquela aeronave estranha partiu como uma bala na direção do sul — a uma velocidade tão grande que sumiu em poucos segundos.

CIPEX e GENA

2004

Voltei então para o meu trator. Deixei o aparelho mais ou menos às 5h 30 min da manhã. Calculo que tenha entrado no mesmo à 1 h e 15 min da madrugada. Fiquei lá dentro, portanto, durante quatro horas e quinze minutos. Muito tempo mesmo...

Quando quis ligar o motor do trator, notei que continuava enguiçado. Fui ver se havia algum defeito e descobri que um dos cabos da bateria tinha sido desaparafusado e estava fora do lugar. Aquilo fôra trabalho de alguém, pois um cabo de bateria, bem preso (havia feito uma revisão quando saí de casa), não se solta sozinho. Deve ter sido feito por um dos meus captadores, depois que o trator parou com o motor isolado, provavelmente na ocasião em que me pegaram. Pode ter sido para impedir que eu escapasse de novo, caso conseguisse fugir das mãos que me seguravam. Aquele pessoal era muito "águia"; não havia nada que eles não tivessem previsto.

Não contei o meu caso até agora para ninguém, com exceção de minha mãe. Ela me disse que eu não devia me meter mais com aquela gente. Não tive coragem de contar a meu pai porque já havia lhe contado a história da luz que apareceu no curral — e ele não acreditou, pois disse que "eu estava vendo coisas...". Resolvi, mais tarde, escrever para o Sr. João Martins, depois de ter lido um dos seus artigos na revista "O Cruzeiro", em novembro, e no qual ele fazia um apelo aos leitores para que comunicassem todos os casos relacionados com os Discos Voadores. Se tivesse dinheiro suficiente, teria vindo há mais tempo. Mas como não possuía, tive que esperar até que ele dissesse que me ajudaria nas despesas da viagem.

Estou aqui à disposição dos senhores. Se acharem que devo retornar à minha casa, irei amanhã mesmo. Se quiserem, porém, que eu fique mais tempo, estarei de acordo. Vim aqui para isto...

.....

COMENTÁRIOS

O depoimento transcrito acima foi feito espontaneamente pelo Sr. Antônio Villas Boas em meu consultório. Durante cerca de quatro horas, ouvimos a narração de sua história e submetemo-lo a um interrogatório minucioso — procurando esclare-

cer certos detalhes, tentando apanhá-lo em contradições, procurando chamar a sua atenção para fatos inexplicáveis em sua história, para ver se ele ficava desconcertado ou se apelava para a imaginação. Desde o início ficou evidente que ele não apresentava nenhum traço psicopático. Calmo, falando com desembaraço, sem apresentar tiques ou sinais de instabilidade emocional, todas as reações que apresentou em face das perguntas que lhe eram feitas foram perfeitamente normais. Em nenhum momento titubeou ou perdeu o controle de sua narração. Suas hesitações correspondiam exatamente ao que se podia prever de um indivíduo numa situação estranha, que não encontrava explicação para certos fatos; nessas ocasiões, mesmo sabendo que as dúvidas expressadas em certas perguntas poderiam levar à incredulidade, respondia com simplicidade: "Isto eu não sei". "Isto eu não posso explicar". Vários exemplos podem ser dados, de fatos, na sua narração, inteiramente sem explicação para ele: a) o reflexo de luz que iluminava o curral, mas que ele não sabia de onde vinha; b) a causa que fez parar o motor do trator e se apagarem as luzes dos faróis; c) a razão da existência daquele prato giratório no topo do aparelho, que rodava sem cessar; d) o motivo pelo qual foi colhido o seu sangue; e) a porta que se fechava e se transformava em parede; f) os estranhos sons que saíam das gargantas dos personagens de sua narração; g) os sintomas (descritos mais adiante) que apresentou nos dias que se seguiram à sua aventura, etc., etc.

Por outro lado, em uma de suas cartas ao Dr. João Martins, ele afirmava que certos detalhes não podia dar por escrito, pois tinha vergonha. Era a parte que se relacionava com a "mulher" e os "contatos sexuais". Não deu nenhum esboço neamente; nenhuma descrição a respeito. Quando interrogado, mostrou-se embaraçado e envergonhado — e só com muita insistência conseguimos extrair os detalhes incluídos acima. Mostrou-se também acanhado quando confessou que a camisa que usava na ocasião estava rasgada, ao responder à minha pergunta sobre se haviam lhe rasgado a roupa. Essas reações emocionais são compatíveis com o que se esperaria de uma pessoa psicologicamente normal dentro das mesmas condições de educação e meio ambiente.

CIPEX e GENA

2004

Não notamos nele nenhuma tendência para superstição ou para o misticismo. Não pensou que os tripulantes do aparelho fossem anjos, superhomens ou demônios. Julga que eram homens como nós, porém de outras terras em algum outro planeta. Afirmou pensar assim porque o tripulante que o acompanhou para fora do aparelho apontou para si mesmo, para a terra e para algum lugar no céu — gesto que só podia ter esta significação, segundo ele. Além disto, o fato de os tripulantes permanecerem o tempo todo de uniforme fechado e capacete indica, na sua opinião, que o ar que eles respiram não é igual ao nosso. Tomando esta declaração como sinal de que ele considerava a mulher, única a aparecer sem capacete e uniforme, como de raça diferente da dos outros — possivelmente de origem terrestre (criada e adaptada às condições de outro planeta), fiz-lhe esta pergunta. Ele negou peremptoriamente admitir esta possibilidade, argumentando que ela era fisicamente igual aos outros quando vestia uniforme e capacete, só se diferenciando na estatura; além disto ela falava com os mesmos sons que os outros; tinha também colaborado na sua captura; em nenhum momento parecera constrangida pelos outros, estando tão à vontade como qualquer deles. Perguntei então se os capacetes não poderiam ser uma espécie de disfarce, já que a mulher podia respirar o nosso ar. Respondeu que não achava, porque pensava que ela só conseguira suportar a nossa atmosfera por causa da fumacinha que saía dos pequenos tubos embutidos na parede da pequena sala onde se derá o "encontro" — que tanto mal estar provocara nele. Esse fato, mais a observação de que essa "fumaça" não existira em nenhuma das outras salas (onde não viu nenhum tripulante tirar o capacete), fizeram-no concluir que a mesma era algum gás necessário à respiração dela — posto ali justamente para que ela pudesse aparecer sem a proteção do capacete. Como se pode ver por este exemplo, o Sr. Antônio Villas Boas é muito inteligente. O seu raciocínio é de uma lógica surpreendente num homem do interior que apenas sabe ler e escrever (instrução primária). O mesmo pode ser dito a respeito de sua suspeita em relação aos possíveis efeitos afrodisíacos do líquido que lhe passaram no corpo, embora aqui esta explicação talvez tenha servido mais para satisfação do seu próprio "ego" (caso esteja dizendo a verdade) — pois a sua excitação sexual pode ter sido perfeitamente espontânea. Sua repulsa inconsciente poderia se dever ao fato de lhe ser penoso reconhecer ter sido dominado por impulsos puramente animais. O líquido, por outro lado, podia ter sido um simples antisséptico, desinfetante ou desodorante — para limpá-lo e livrá-lo de germes que poderiam ser nocivos à sua companhia.

Foi-lhe perguntado se julgava que alguns de seus atos tivessem sido executados sob o domínio ou sugestão telepática de seus captores. A resposta foi negati-

va. Disse estar senhor de suas ações e pensamentos durante toda a aventura. Em nenhum momento sentiu-se dominado por qualquer idéia ou influência estranha: "Tudo que conseguiram de mim foi no braco", foi o seu comentário. Negou ter recebido qualquer idéia ou mensagem telepática de qualquer deles: "Se eles se julgavam capazes de tais coisas, devo tê-los decepcionado bastante", concluiu.

Ao fim do interrogatório, João Martins declarou-lhe que infelizmente não poderia publicar a sua história no "O Cruzeiro", pois dificilmente seria levada a sério na ausência de provas mais conclusivas em apoio da mesma. Exceto se aparecesse uma história igual em outro lugar. Villas Boas ficou visivelmente abatido (ou porque queria ver seu nome no "O Cruzeiro", ou porque viu, pela expressão de Martins, que não estava sendo acreditado). Ficou bem sem jeito, mas não protestou nem tentou discutir a questão. Disse apenas o seguinte:

"Neste caso, se não precisam mais de mim, voltarei amanhã mesmo para minha terra. Se quiserem ir lá um dia, para um passeio, terei muito prazer em recebê-los. Se desejarem mais alguma coisa de mim, basta escrever..."

Para consolá-lo em seu desapontamento, disse-lhe que, se fizesse questão de ver sua aventura publicada, bastava que fosse aos jornais — que certamente a publicariam, nesse momento em que o assunto voltava às manchetes por causa das fotos do "disco" da Ilha da Trindade. Mas, citando o exemplo do fotógrafo Barauna, avisei-o que para muita gente ele seria apenas um louco ou um mistificador. A sua resposta foi nos seguintes termos: "Os que me acusassem de louco ou mentiroso, eu desafiaria a que fossem à minha terra fazer uma investigação sobre minha pessoa. Eles iam ver se o pessoal de lá não me considera um homem normal e honrado. Se depois de tudo continuassem a duvidar de mim, azar o deles..."

Todos esses comentários feitos acima confirmam a impressão de sinceridade que o modo de narrar do Sr. Villas Boas conferia à sua história. Por outro lado, deixam bem claro que não se trata de um psicopata, um místico ou um visionário. Mas, apesar de tudo, o próprio conteúdo de sua narração é o maior argumento contra a veracidade da mesma. Certos detalhes são fantásticos de mais para serem acreditados — infelizmente para ele. Nessas condições, a melhor hipótese é de que ele seja um mentiroso extremamente hábil, um mistificador dotado de uma imaginação admirável e de uma inteligência rara — capaz de contar uma história inteiramente original, completamente diferente de tudo que tem aparecido até agora, no gênero. Sua memória deve ser também fenomenal; por exemplo, a descrição detalhada que nos deu, do aparelho estranho, confere exatamente com um modelo esculpido em madeira, que ele enviou em novembro, para João Martins. Note-se que esse aparelho é inteiramente diferente dos Discos Voadores descritos até agora (como se ele fizesse questão de ser, até nisto, original).

CIPEX e GENA

2004

Esta coincidência, entre o modelo feito meses atrás e a descrição verbal (mais um desenho) feita agora, indica ser esse homem dotado de uma excelente memória visual.

Uma experiência que também realizamos foi a de apresentar a ele várias fotografias de louras brasileiras, para ver se ele achava alguma delas semelhante, nos traços ou no cabelo, à loura tripulante do aparelho. O resultado foi negativo. Apresentamos a ele, em último lugar, uma foto publicada no "O Cruzeiro" (em 1954), de uma reprodução, em quadro, do "Venusiano" de Adamski, pintado de acordo com as instruções do próprio. Villas Boas não reconheceu nenhuma semelhança, assinalando que o rosto de sua personagem era muito mais fino e de forma triangular em sua metade inferior; que os olhos eram maiores e mais rasgados, e as maçãs mais salientes; e que o cabelo era bem mais curto (só até o meio do pescoço) e arrumado em estilo diferente. Não reconheceu também nenhuma semelhança na roupa.

.....

DESENHO DO APARELHO:

Foi traçado pelo próprio Villas Boas (ver fig. nº 4) em meu consultório, para melhor facilitar a compreensão dos detalhes sobre o mesmo, fornecidos em seu depoimento. Este desenho deve ser interpretado em função da descrição feita por Villas Boas, que é bastante minuciosa.

DIMENSÕES DO APARELHO:

No dia seguinte (17 de outubro), Villas Boas voltou ao local onde havia aterrisado a estranha aeronave e mediu as distâncias entre as três marcas que existiam no solo, correspondentes aos pés do tripé sobre o qual pousara o aparelho. Essas dimensões dão uma idéia aproximada sobre o tamanho real do mesmo.

OBS. da SBEDV: - No rodapé da fig. 4, encontra-se a representação gráfica, das medidas (em palmos) que A.V.B. tomou no local, e que foi desenhada quando da entrevista com o Dr. Olavo Fontes. Admitimos que o lado do triângulo, cuja dimensão está faltando, corresponde também a 48 palmos, pois é razoável imaginar que houvesse uma simetria (no caso, triângulo isósceles) na disposição do tripé referido.

CIPEX e GENA
2004

OBSERVAÇÃO CLÍNICA E EXAME MÉDICOIdentificação:

Antonio Villas Boas, 23 anos, branco, solteiro, fazendeiro, residente em São Francisco de Sales, no Estado de Minas Gerais.

História da doença:

Conforme está registrado em seu depoimento (anexo), deixou o aparelho às 5 h 30 min da manhã de 16 de outubro de 1957. Sentia-se bastante fraco, por não ter ingerido nenhum alimento desde às 21 h da noite anterior, e por ter vomitado bastante dentro do aparelho. Chegou em casa exausto e dormiu o dia quase todo. Despertou às 16 h 30 min, sentindo-se bem, e jantou normalmente. Já nessa noite (e também na seguinte), porém não conseguiu dormir. Estava nervoso e muito excitado; por várias vezes chegava a conciliar o sono, mas logo começava a rever em sonhos os acontecimentos da véspera, como se tudo estivesse ocorrendo de novo; acordava então, sobressaltado, aos gritos, sentindo-se agarrado outra vez, pelos seus estranhos captadores. Após várias experiências desse tipo, desistiu de dormir e resolveu passar a noite estudando. Mas também não podia, pois não havia jeito de concentrar a atenção no que estava lendo; seus pensamentos voltavam sempre às ocorrências da noite anterior. Amanheceu o dia inquieto, andando de um lado para o outro e fumando sem cessar. Estava cansado e com dores por todo o corpo. Tomou então uma xícara de café, sem comer nada como fazia de hábito. Logo em seguida, entretanto, começou a sentir-se nauseado. Essa náusea permaneceu durante todo o dia. Surgiu também, nas temporadas, uma forte dor de cabeça, que pulsava, e que também durou o dia todo. Observou que havia perdido completamente o apetite e não conseguiu comer absolutamente nada durante cerca de dois dias.

Passou a segunda noite ainda sem poder dormir, na mesma situação da noite anterior. Durante essa noite, começou a sentir um incômodo ardor nos olhos, mas a dor de cabeça desapareceu e não mais voltou.

Durante o segundo dia, continuou nauseado e com inapetência absoluta. Não vomitou porém, em nenhuma ocasião, talvez por não ter forçado a alimentação. A ardência nos olhos se acentuou e passou a se acompanhar de lacrimejamento permanente; não notou, contudo, nenhuma congestão nas conjuntivas — nem qualquer outro sinal de irritação ocular. Não observou diminuição da visão.

Na terceira noite o sono voltou, tendo dormido normalmente. Mas daí por diante, durante o prazo de um mês aproximadamente, foi acometido de uma sonolência excessiva. Mesmo durante o dia, cochilava ou dormia a qualquer momento, mesmo quando em conversa com outras pessoas e em qualquer lugar. Bastava que ficasse parado por algum tempo para, insensivelmente, começar a dormir. Durante todo esse período de sonolência, persistiu também a ardência nos olhos e o lacrimejamento excessivo. A náusea desapareceu, todavia, no terceiro dia — quando também o apetite voltou, passando a se alimentar normalmente. Notou que os sintomas visuais se agravavam na luz do Sol, obrigando-o a evitar muita claridade.

No oitavo dia, teve pequena contusão no antebraço, quando trabalhava, com pequena hemorragia no local. No dia seguinte, observou que a lesão tinha se transformado numa pequena ferida infectada, com um pequeno ponto de pús, e coçando muito; quando essa ferida cicatrizou, ficou uma mancha arroxeada em volta. Quatro a dez dias após, novas feridas semelhantes nos antebraços e pernas; essas porém vieram espontaneamente, sem traumatismo prévio; todas elas se iniciando por "um pequeno calombo com um olhozinho no centro, coçando muito, durando cada uma dez a vinte dias". Refere que todas ficaram "arroxeadas em volta ao secar", ainda se notando as cicatrizes.

Não observou, em nenhuma ocasião, qualquer erupção cutânea ou queimadura, negando também que tivesse notado qualquer ponto hemorrágico na pele (petéquias) ou equimoses aos traumatismos menores (manchas hemorrágicas); se algumas houve, passaram-lhe despercebidas. Refere, contudo, que no décimo-quinto dia apareceram-lhe duas manchas amareladas no rosto, de um lado e do outro do nariz, mais ou menos simétricas: eram "uma espécie de pancos meio pálidos, como se houvesse ali pouco sangue", que desapareceram espontaneamente ao fim de uns 10 a 20 dias.

Atualmente ainda tem, nos braços, duas feridinhas não cicatrizadas, além das cicatrizes de várias outras — que continuaram aparecendo esporadicamente durante esses meses. Nenhum dos demais sintomas descritos acima reapareceu até agora. Sente-se no momento bem disposto e julga estar gozando boa saúde.

Nega ter tido febre, diarreia, fenômenos hemorrágicos ou icterícia — não só na fase aguda de sua doença, mas também posteriormente. Não notou, por outro lado, nenhuma área de depilação no corpo ou na face, nem observou queda excessiva de cabelos — em nenhuma ocasião, de outubro para cá. Durante o período de sonolência não apresentou diminuição aparente da sua capacidade para o trabalho físico. Não observou também qualquer diminuição da libido ou potência, ou qualquer alteração de acuidade visual; não notou ainda anemia, nem teve lesões ulceradas na boca.

CIPEX e GENA

Doenças Passadas:

2004

Refere-se apenas a doenças eruptivas próprias da infância (sarampo e catapora), sem complicações. Nunca teve doenças crônicas venéreas. Sofre, há alguns anos de "colite crônica", que no momento não o está incomodando.

Exame físico:

Trata-se de uma pessoa do sexo masculino, de cor branca, cabelos negros e lisos e olhos escuros, não aparentando sofrer de nenhuma doença aguda ou crônica. Biotipo: Longilíneo estênico. Fácies: atípica. É de estatura média (1.64 m. calculado), magro porém robusto, com musculatura bem desenvolvida. Está em bom estado de nutrição, não apresentando nenhum sinal de carência vitamínica. Ausência de deformidades físicas ou anomalias do desenvolvimento corporal. Pelos do corpo, de aspecto e distribuição normal, em relação ao seu sexo. Mucosas conjuntivas ligeiramente descoradas. Dentes em bom estado de conservação. Gânglios superficiais impalpáveis.

Exame Dermatológico:

Há a assinalar as seguintes alterações:

1) - Duas pequenas manchas hipererômicas, uma de cada lado do queixo (ver fotos), de pequeno tamanho e formato mais ou menos arredondado; uma delas tem o diâmetro de uma moeda de 10 centavos, sendo a outra um pouco maior e de aspecto mais irregular; a pele sobre essas regiões se apresenta mais lisa e adelgada, como se tivesse sido renovada recentemente, ou como se fosse algo atrofiada; não há nenhum elemento que permita fazer qualquer avaliação sobre a natureza e a idade dessas marcas; apenas se pode dizer que são cicatrizes de alguma lesão superficial com hemorragia subcutânea associada — tendo pelo menos um mês e no máximo doze meses de existência; aparentemente essas marcas não são definitivas e desaparecerão provavelmente ao cabo de alguns meses. Nenhuma outra mancha ou marca semelhante foi assinalada.

2) - Diversas cicatrizes de lesões cutâneas recentes (alguns meses no máximo), no dorso das mãos, antebraço e pernas. Todas apresentam o mesmo aspecto, que lembra o de pequenos furúnculos ou feridas cicatrizadas, com áreas de descamação em volta, mostrando que são relativamente recentes. Ainda existem duas não cicatrizadas, uma em cada braço, cujo aspecto é o de pequenos nódulos (ou calombos) avermelhados, mais duros do que a pele em volta e fazendo saliência em relação à mesma, dolorosos à pressão, com um pequeno orifício central que deixa escapar uma serosidade amarelada; a pele em volta se apresenta alterada e irritada — indicando que as lesões são pruriginosas, pois há marcas feitas pelas unhas do paciente ao coçá-las. O aspecto mais interessante de todas essas lesões e cicatrizes cutâneas é a presença de uma área hipercrômica de cor violácea em torno de todas elas — com a qual não temos nenhuma familiaridade. Não sabemos se essas áreas podem ter alguma significação especial, ou não. A nossa experiência em Dermatologia é insuficiente para que possamos interpretá-las corretamente, já que essa não é a nossa especialidade. Limitamo-nos pois a descrever essas alterações, que foram também fotografadas.

CIPEX e GENA

2004

Exame do sistema nervoso:

Psiquismo: Boa orientação no tempo e no espaço. Emotividade e afetividade dentro dos limites normais. Atenção, espontânea e provocada, nos limites do normal. Teste de percepção, de associação de idéias e de raciocínio, indicando mecanismos mentais aparentemente normais. Memória anterógrada e retrógrada conservadas; memória visual excelente, com facilidade para reproduzir em desenhos ou gráficos os detalhes descritos verbalmente. Ausência de qualquer sinal ou evidência indireta de perturbação das faculdades mentais.

Nota: Estes resultados, embora precisos, deverão ser completados — caso possível — por um exame psiquiátrico mais especializado, feito por especialista.

Exame de motilidade, refletividade e sensibilidade superficial: Nada revelou de anormal.

Exame dos demais aparelhos e sistemas: Nada revelou de anormal.

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1958.

(a) Olavo Pontes, médico.

3 F) - RELATO DA SBEDV

(Traduzido do inglês, do Boletim SBEDV, nº 26/27, editado em 1/06/62 e acompanhado das figuras 1, 5 e 6).

A.V.B. iniciou o seu relato, esclarecendo que o mês de dezembro é habitualmente quente naquela região, motivo pelo qual ele e o irmão haviam preferido arar o campo à noite, quando há menos poeira e a temperatura é mais agradável. Eram aproximadamente 23 horas do dia 14 de dezembro de 1957. Quando trabalhavam numa várzea próxima do rio, A.V.B. chamou a atenção do irmão para um foco luminoso, sobre o campo, que mudava de posição todas as vezes que eles davam uma volta com o arado. Por fim, a luz começou a aproximar-se deles, o que causou medo ao irmão de A.V.B.. Resolveram, então, interromper o trabalho. Separaram o arado, que deixaram no campo, e voltaram para a casa, no trator.

Na noite seguinte, estava A.V.B. arando sozinho, quando cerca das 24 horas percebeu uma "luz feito estrela", que se aproximava rapidamente, na direção norte. Após alguns minutos, o foco luminoso parou a uma 100 metros acima do campo. Mesmo assim, A.V.B. prosseguiu na sua tarefa.

Quando, finalmente, decidiu abandonar o trator e voltar para a casa, pro

curcu desengatar o trator, do arado, manobrando o fecho hidráulico, mas não o conseguiu, o mesmo acontecendo ao motor, que não funcionou. Percebeu, ao mesmo tempo, que o foco luminoso irradiava-se de uma espécie de máquina, que aterrizara a uns 15 metros de distância. Em seguida, viu saírem, da mesma, dois vultos, que correram em sua direção. Rapidamente, A.V.B. saltou para o paralama do trator e daí para o solo. Nesse momento, foi dominado, pelas costas, pelos dois indivíduos. Conseguiu derrubar um deles, lançando-o, em balão, por cima de sua cabeça. Libertado deste, mais dois tentaram dominá-lo e, por fim, eram os agressores em número de cinco ou seis que, lutando com ele, imobilizando os seus braços e pernas, arrastaram-no em direção ao veículo.

Interrogamos, então, a A.V.B., porque não havia prosseguido na luta, uma vez que no início da mesma havia ele oferecido tão grande resistência. Respondeu-nos, então, que embora fossem eles fisicamente mais fracos e de estatura inferior à sua, ele havia se convencido de que não devia resistir por mais tempo e que o melhor seria submeter-se voluntariamente.

Subindo com ele uma escada de 3 ou 4 m de altura, os raptos atravessaram uma porta e penetraram numa sala circular de, aproximadamente, 2 m de diâmetro por 1,7 m a 1,8 m de altura.

CIPEX e GENA

2004

No centro da sala, ele percebeu um eixo que emergia do assoalho e alcançava o teto. Esse eixo era protegido por uma parede apresentando orifícios quadrangulares, à semelhança do que se vê, frequentemente, em instalações elétricas. Havia, também, uma mesa, tipo tripé, de aproximadamente 80 cm de altura por 1 m de largura, fixa ao piso. Sobre ela, A.V.B. percebeu um instrumento semelhante a um relógio (O Dr. João Martins, no Rio de Janeiro, pediu-nos que não o descrevessemos, a fim de que se pudessem "testar" outras testemunhas que fizessem referência a objetos semelhantes).

Acrescenta A.V.B. que, sem seguida, eles retiraram amostras de seu sangue, aplicando-lhe, por duas vezes, uma espécie de seringa (ver figura 6-d), de cada lado da proeminência do seu queixo. Depois, despiram-no completamente, sendo que as peças de seu vestuário foram retiradas por eles com incrível rapidez, mas sem que as rasgassem, fazendo uso, apenas, dos botões. Foi, então, levado a outro compartimento onde havia, como único móvel, um sofá, recoberto com uma espécie de plástico.

Colocando-o nesse sofá, eles friccionaram-lhe o corpo com uma esponja embebida num líquido refrescante, operação que A.V.B. interpretou como sendo de limpeza, pois, na realidade, ele se encontrava empoeirado e suarento, em virtude de suas atividades no campo.

A sua estada na primeira sala havia sido de uns cinco minutos apenas. Mas, naquela última, ele permaneceu pelo espaço de uns vinte minutos. O recinto estava impregnado de um cheiro acre e nauseante, que lhe provocou vômito copioso.

Afinal, a porta (que era corrediça e devia comunicar-se com um terceiro compartimento) reabriu-se e dois homens penetraram na sala, trazendo com eles uma jovem inteiramente despida, e aparentando uma altura de 1,4 a 1,5 m. Os dois personagens retiraram-se logo em seguida, deixando a moça a sós com A.V.B. Com um sorriso nos lábios, a jovem dirigiu-se a ele, de braços abertos, e puxou-o para o sofá, com intenções inconfundíveis e pelo menos aparentemente demonstrando prazer.

Posteriormente, não soube A.V.B. explicar a sua excitação e cooperação, uma vez que pouco antes havia ele experimentado momentos de terror e de náuseas. Acredita ele que o líquido que haviam passado no seu corpo teria sido o responsável pela mudança.

Instado por nós a descrever o tipo físico da moça, esclareceu ele que os seus cabelos eram louros, mas pareceram-lhe pouco abundantes. Não se recordava de ter visto cílios nem sobrancelhas, ou, se os havia, eram muito finos. As orelhas eram pequenas, sendo o queixo, os lábios e o nariz, de constituição delicada. A implantação dos olhos era semelhante à dos chineses e as zígonas proeminentes lembravam o tipo eslavo. Os dentes eram pequeninos, alvos e bem formados. O seu peso ele o avaliou entre 35 e 40 kg.

As nossas perguntas a respeito de outros pormenores deixaram-no enrubescido e mesmo contrafeito, porquanto AVB pareceu-nos uma pessoa pura e ingênua, embora à época de nossa entrevista ele já estivesse casado havia um ano (casara-se no mês de julho de 1961). Em face dessa circunstância, achamos de bom alvitre não insistir naquelas indagações, com o receio de que AVB encerrasse bruscamente o seu relato, tão dificilmente conseguido por nós.

Prosseguindo, acrescentou que a jovem, sem haver dito qualquer palavra, deixou a sala, passando pela porta, a qual, para surpresa de nosso entrevistado, abriu-se automaticamente, sem que ele pudesse perceber como isso acontecera.

Um dos homens veio ao seu encontro e, conduzindo-o através de uma porta que se abria para o exterior, desceu com ele para uma plataforma que circundava o aparelho em toda a sua extensão. Fizeram juntos o percurso da mesma, mostrando-lhe o seu acompanhante a parte externa do aparelho.

AVB tinha, agora, tempo e calma para rememorar tudo o que lhe havia acontecido. As pessoas que o haviam dominado eram em número de cinco ou seis. Todas vestidas de maneira idêntica, com uma espécie de uniforme de cor branca acinzentada, colante e recoberto de escamas metálicas, como pôde convencer-se durante a sua breve luta, quando feriu as mãos ao contato das mesmas. Elas usavam um cinto largo, em cuja frente estava embutido algo, do qual se irradiava uma luz vermelha, fortíssima (conforme a fig. nº 1 - desenho executado pelo próprio AVB), além de dois outros focos de luz, laterais. CIPEX e GENA

2004

Os sapatos eram, também, de cor branca e, aparentemente, rústicos e sem salto, como faziam supor as impressões, deixadas na terra fofa arada, que foram examinadas no dia seguinte (dia 16). As mãos eram protegidas por luvas grossas, brancas, e usavam um capacete grande (ou alto?), com uma viseira horizontal na parte dianteira (ver fig. 1-B, feita pelo próprio AVB), à altura dos olhos, os quais, entretanto, não eram visíveis (havia, aparentemente, uma camada de gaze ou de outro tecido translúcido, que vedava a visão direta). *Os olhos eram visíveis na D.5*

Na parte posterior do capacete, havia duas estruturas achatadas, através das quais penetravam (assim pareceu a AVB) duas tubulações metálicas, que se originavam de uma pequena protuberância localizada nas costas dos tripulantes (ver croquis de AVB, na fig. 1-A). *Aqui aparece a descrição de outra que faltava na D.5 - 2.ª de 3.ª de 1.ª*

Embora os indivíduos não dirigissem nenhuma palavra a AVB, eles comunicavam-se entre si numa linguagem estridente, gutural, que não lhe pareceu ser nem o idioma sírio nem o japonês, que ele estava acostumado a ouvir. *para falar por enquanto*

Os tripulantes eram de pequena estatura, e alcançavam-lhe os ombros. A altura de AVB é de 1,69 m (*), conforme a sua própria informação, o que permitiria um cálculo de 1,47 m até os ombros, se tomássemos 22 cm como sendo a altura de sua cabeça. Os tripulantes teriam, assim, aproximadamente 1,47 m a 1,50 m de altura, sendo que a moça pareceu-lhe ser ainda mais baixa.

(*) OBS.: - Este dado é divergente da respectiva informação (1,64m) contida no relato do Dr. Olavo Fontes. Entretanto, vai aqui mencionado porque foi a nós fornecido pelo próprio protagonista (AVB), em carta que dirigiu à SBEDV, em data pouco anterior à da publicação do Boletim nº 26/27 (de 01-06-1962).

A máquina fazia lembrar a forma de um pássaro, com um comprimento de 15 a 20 m, e uma altura de 2 a 3 m. Apoiava-se num tripé de 3 a 4 m de altura, e cujas pernas tinham cerca de 50 cm de espessura. A placa terminal das mesmas, que se apoiava no solo, era de diâmetro ainda maior (ver fig. nº 6-f). A cabine, na parte dianteira, era de forma afunilada, apresentando três esporões (ver fig. nº 6-b): um, mediano, maior, que projetava uma luz esverdeada; e dois outros formando protuberâncias laterais, paralelas, menores, emitindo luzes alaranjadas. AVB nada soube informar sobre as fontes de luz no interior da máquina.

Na parte superior, e em estreito contato com o corpo principal da fuselagem, havia uma cúpula de 9 a 10 m de diâmetro por uns 4 cm de espessura, e que estava em constante movimento de rotação (no sentido dos ponteiros do relógio, quando vista de baixo). *o movimento deslocamento do ar, mesmo quando a máquina ainda*

estava imóvel no solo. Ao levantar vôo, mais tarde, esse deslocamento atingiu a intensidade de um furacão, o que, entretanto, não alterou o calor nem o cheiro reinantes, aumentando, contudo, a claridade que se difundia no exterior. Havia, ainda, na parte posterior, uma placa vertical, semelhante a um leme. De cada lado do corpo principal da máquina havia uma chapa curta, de aproximadamente meio metro de largura, em posição horizontal (ver fig. 6-a e 6-b), quando o aparelho estava pousado no solo. Quando levantou vôo, as placas laterais sofreram uma inclinação de uns 30 graus (veja o sentido na fig. 6-a).

Logo após o roteiro de inspeção, enquanto a máquina ainda estava pousada, o companheiro de AVB desceu, juntamente com ele, até o solo, através de uma escada (que AVB verificou, mais tarde, ser retrátil). Em terra firme, fez o tripulante dois orifícios no chão, com um dos dedos. Apontou para um dos orifícios e depois para o céu e, em seguida, apontou para o outro e para AVB, que não conseguiu compreender o sentido daqueles sinais, conforme nos declarou.

Depois, na sua rápida ascensão, a máquina, ao partir, mudou a cor esverdeada, da luz frontal, para um branco ofuscante, que foi a única luz que perdurou à distância. A velocidade do vôo, quando da partida da máquina, e o seu desaparecimento, foram espantosos.

CIPEX e GENA

2004

Posteriormente, AVB verificou que a máquina (quando havia chegado) havia aterrissado a uns 40 m do rio, o que lhe impediria a retirada, por meio do trator, para a sua casa, a qual ficava a uns 3 km daquele local. Nessas condições, não havia possibilidade, para ele, ter escapado àquele incidente.

Quando no trajeto de volta à casa, naquela noite, sentiu-se AVB ainda nauseado. Durante três dias, sentiu "o seu fígado dolorido" e surgiram pequenas ulcerações superficiais, na face e nos braços, mas que cicatrizaram pouco depois. Os sinais da retirada do sangue de seu queixo permaneceram visíveis por mais de 3 anos após o incidente.

No dia seguinte ao episódio, encontrou o trator em perfeitas condições de funcionamento. Na terra fofa, arada, ainda podiam ser vistos os traços que o tripé da máquina havia deixado, assim como as impressões dos sapatos dos tripulantes (18 cm de comprimento - ver fig. 6-e). No dia 25 o trator, verificado logo após o incidente, tinha o eixo da bateria debilitado.

AVB informou ainda que, alguns meses antes do incidente, por duas vezes, à noite, a casa da fazenda foi banhada por uma claridade vinda do alto. Esse fato fora testemunhado pela sua progenitora. Três meses antes, AVB e seu irmão haviam visto o pátio da casa iluminado por uma luz que vinha, também, do alto. Pessoas da vizinhança declararam haver visto, à noite, em várias ocasiões, luzes movendo-se no céu.

A uma pergunta nossa, respondeu AVB que não desejava uma repetição de sua impressionante experiência, mas se, por acaso, a máquina viesse a aterrissar junto dele novamente, ele não mais procuraria fugir de seus tripulantes. Acrescentou, ainda, que havia se casado algum tempo depois do incidente.

Do Boletim da SBEDV, nº 26/27, constam as três perguntas seguintes:

- 1a. - Teria o exame de sangue de AVB algo a ver com o contato que teve, a seguir, com a jovem?
- 2a. - Os focos luminosos, que incidiam à noite sobre a casa de AVB, teriam alguma relação com a sua experiência posterior?
- 3a. - Quais teriam sido as razões de seu encontro com a jovem?
 - a) - para ativar os gens fracos de uma raça planetária, por meio dos gens robustos terrestres?
 - b) - Para completar um "check-up" físico de um ser da terra?
 - c) - Para provar aos terrestres que algumas das raças extra-terrestres possuem condições físico-anatômicas iguais às nossas?
 - d) - Para estabelecer relações de parentesco interplanetário como elemento precursor de entendimentos políticos ou culturais posteriores?
 - e) - Ou, apenas, porque a jovem, que talvez estivesse em situação hierárquica superior, na tripulação da nave, tivera um desejo momentâneo desse sentido?

4 - DISCO VOADOR PERNOITA NUM SÍTIO

(Pesquisa enviada pelo Sr. Carlos Varassin)

Aterr.

Um estranho objeto voador pousou num sítio na localidade de Água do Juru-
ba, município de Apucarana (Estado do Paraná), permanecendo no local durante 20 ho-
ras, aproximadamente: do início da noite de 21 de junho de 1972 ao começo da tarde
do dia 22.

Tudo começou quando por sobre a casa do Sr. Giacomo Bertasso passou como
que um vento forte de tempestade, que se dirigiu ao sítio de seu vizinho, o lavra-
dor José Gugermin (de 41 anos).

Este, obedecendo aos costumes observados na zona rural, entre os quais se
inclui o hábito de dormir cedo para acordar de madrugada, preparava-se para deitar-
se, às 19 h, quando ouviu um barulho semelhante ao que produz um galho ao cair. Co-
mo na frente de sua residência existisse um grande pinheiro, ele e a esposa não de-
ram importância àquele rumor, que lhes pareceu proveniente do desprendimento de um
ramo daquela árvore.

Na manhã seguinte, o Sr. José Gugermin (ver fig. nº 8) foi a Apucarana (a
8 km de sua moradia), de lá regressando para almoçar.

Cerca das 13 h 30 min, estava na garagem, com seu pai - Sr. Afonso (69 a-
nos) -, quando teve a atenção despertada por seu filho Sérgio Luiz (12 anos), que,
correndo, falava de um objeto que pairava a certa altura do cimo do pinheiro (ver
fig. nº 9).

CIPEX e GENA

2004

O menino, que brincava com alguns companheiros, viu o aparelho levantar
vôo, por trás do canavial e das bananeiras, em meio a um turbilhão de nó, folhas e
capim, assustando vacas e cavalos que se encontravam num pasto próximo e que fugi-
ram em disparada.

O objeto se apresentava, aos observadores, com a forma arredondada, de uns
50 cm de diâmetro aparente, possuindo a parte inferior maior e escura, e a supe-
rior, menor e brilhante (talvez pela incidência da luz solar), e destituído de ou-
tros sinais característicos. Segundo as testemunhas, assemelhava-se a uma grande
"bexiga", pois assim se denominam, no sul, os balões coloridos com que as crianças
brincam.

O objeto permaneceu no mesmo lugar do espaço durante vários minutos, osci-
lando conforme uma folha seca ao cair. Não emitia som, nem irradiava luz, nem dei-
xava transparecer que fosse propulsionado a jato.

Antes de disparar em alta velocidade, na direção do sul, deixou cair uma
"chuva de folhas de papel", brilhantes, umas compridas, outras quadradas.

As crianças correram para apanhá-las, não logrando êxito, pois que, repen-
tinamente, aquelas mesmas folhinhas começaram a subir em direção ao aparelho, como
se tivessem sido puxadas por uma força de sucção, espalhando-se, em seguida, com o
vento. Mais tarde, procurando exaustivamente pelas imediações, o lavrador e seus
auxiliares não conseguiram encontrar sequer uma daquelas "folhas".

NO LOCAL DO POUSO

Dirigindo-se ao local de onde o objeto parecia haver saído, José Gugermin
e seu pai verificaram que o chão estava limpo, sem disco entre as moitas de capim,
dando a impressão de que a terra havia sido cuidadosamente varrida (ver fig. nº 10).
O capim não estava amassado, o que fazia supor que a estrutura do aparelho não ha-
via tocado no solo. Investigando mais, descobriram, no chão, pequenos buracos cir-
culares, de 6 a 8 cm de diâmetro, ligeiramente inclinados, idênticos às marcas dei-
xadas pelas patas de um potro, e que estavam dispostos numa circunferência de apro-
ximadamente 4,30 m de diâmetro.

Foram encontradas seis dessas marcas, fotografadas pelo repórter da "Folha de Londrina", que chegou até elas alguns dias depois da chuva que se abateu sobre o local mas que não prejudicou a visibilidade das referidas marcas (ver fig. nº 11).

Nas redondezas, jamais haviam visto um objeto semelhante àquele; os lavradores estão acostumados com os aviões e os helicópteros que sobrevoam, constantemente, a região. O repórter da "Folha de Londrina" apresentou-lhes um "slide" de um helicóptero e, então, José Gugermin e seu pai negaram que o tal objeto tivesse qualquer semelhança com aquela foto; era realmente coisa nunca vista por eles.

A notícia do ocorrido despertou a atenção dos militares do 30º Batalhão de Infantaria Motorizada, aquartelado a poucos quilômetros do sítio dos Gugermin, tanto que no dia 27 de junho de 1972 alguns deles estiveram observando e medindo as já mencionadas marcas.

Pedro Scucuglia, redator da TV Tibagi (Canal 11), de Apucarana, o qual gentilmente cedeu as fotos que bateu no local, considera absolutamente verdadeiras as afirmativas dos Gugermin, declarando que o chão e a vegetação do lugar não apresentavam mostras de danos causados por calor ou qualquer outra irradiação, comuns em certos casos de pouso de D.V., acreditando, ainda, que o aparelho tivesse pousado sobre um trem de aterrisagem ou um outro qualquer dispositivo semelhante, causador das marcas no solo.

Pedrinho, como é conhecido, crê também que a "chuva de papel", presenciada pelo menino Sérgio Luiz, teria sido ocasionada por folhas de árvores, e capim, suspensos pelo deslocamento de ar provocado pela decolagem do aparelho, pois, no alto, banhados pelo sol, poderiam se tornar brilhantes e isso explicaria o fato de os lavradores não terem encontrado papéis pelas redondezas, ao procurarem, posteriormente.

CIPEX e GENA
2004

Fonte: Reportagem publicada, em 28 de julho de 1972, no jornal "Folha de Londrina", editado em Londrina, Estado do Paraná, com esclarecimentos complementares fornecidos pelo Sr. Pedro Scucuglia, através do telefone.

O recorte da "Folha de Londrina" foi enviado à SBEDV pelo pesquisador Carlos Varasim, e ilustra o caso relatado, com 5 fotografias, uma das quais estampa, em tamanho natural, a marca deixada pelo DV em Água de Juruba.

Obs.: Um mês depois dos acontecimentos aqui relatados, verificou-se em Bagnacavallo (cidade da Itália) um fato semelhante, na noite de 24 para 25 de julho de 1972, quando um objeto estranhíssimo pousou numa propriedade rural, nela permanecendo por umas 5 horas. Levantando voo, verticalmente, deixou 4 marcas no solo.

oooooooooooo

5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O INTERESSE CIENTÍFICO DO ESTUDO DOS OBJETOS AÉREOS NÃO IDENTIFICADOS

Autor: Professor Gauthier de Keating-Hart (Doutor em Ciências Físicas, Física do Estado Sólido e Magnetismo, do Centro de Estudos Nucleares de Grenoble - França), recentemente falecido na França, quando participava de uma escalada, a 24 de junho de 1972.
Este trabalho foi apresentado e lido pelo próprio Prof. Gauthier de Keating-Hart, no IV COLÓQUIO BRASILEIRO SOBRE OBJETOS AÉREOS NÃO IDENTIFICADOS, realizado em São Paulo nos dias 11 e 12 de setembro de 1971.

Imp.

Em 1969, A Comissão da Universidade de Colorado (USA), dirigida pelo Professor Condon, publicou o resultado de um trabalho conhecido pelo nome de "Relatório Condon", em cuja conclusão se lê que "os Objetos Aéreos Não Identificados não encerram qualquer interesse do ponto de vista científico". Não vou discutir o valor que se poderá atribuir a esse relatório, nem o fato de que sua conclusão está em contradição com boa parte de seu conteúdo, nem ainda a falta de probidade e de objetividade com que foi conduzido o inquérito nele tratado. Simplesmente, chamo a atenção de todos para a circunstância de que o estudo dos OANI PODE CONTER UMA GRANDE IMPORTÂNCIA CIENTÍFICA, PRECISAMENTE PORQUE PARECE CONTRARIAR NOSSOS CONHECIMENTOS TÉCNICOS ATUAIS.

CIPEX e GENA

2004

A CIÊNCIA DE HOJE

Onde estamos, no plano científico? Os progressos observados nos últimos anos, tanto no domínio do conhecimento da matéria, como no da vida, são relevantemente extraordinários. Constantemente, a bomba atômica é apresentada como símbolo de nossa época. Felizmente, porém, este aspecto negativo está longe da verdade e é largamente compensado pelos aspectos positivos. O melhor conhecimento das leis da matéria, permitiram um desenvolvimento extremamente rápido no campo da eletrônica, indo dos computadores ao "laser", aquela luz excepcional que pode atravessar metais.

Mas perguntamos: "Que é uma teoria ou uma lei científica?"

É a tentativa de reunir e de ligar entre si, de modo pleno e numa linguagem lógica ou matemática, uma série de fenômenos, com o objetivo de prevê-los em determinadas condições, a fim de que possam ser utilizados praticamente. Assim, uma teoria científica pode parecer satisfatória ou eficaz quando, efetivamente, serve apenas para descrever de forma imperfeita uma realidade ou apenas uma sua parcela - a única possível de ser atingida naquele instante.

Os problemas fundamentais, debatidos atualmente pelos cientistas, têm um alcance imenso tanto para o bem como para o mal da Humanidade. Da mesma forma, com têm um grande valor filosófico, de vez que são essenciais para o homem as últimas descobertas sobre a vida e a tomada de consciência da importância da Natureza.

Não obstante, insistiremos nos aspectos que envolvem a Física, pois, em seu âmbito, os progressos recentes são espetaculares, muito embora o grande avanço que, através dela, temos obtido no conhecimento da matéria, ainda não nos tenha permitido conceituar, de maneira definitiva, o que é matéria. Nada fizemos senão afastar o problema para mais longe.

As partículas que eram consideradas elementares - elétrons, prótons e nêutrons -, já não o são mais.

Desesperadamente, então, se procura uma nova unidade e um denominador comum para as novas partículas descobertas. Em consequência, surgem numerosas teorias, nas quais a vaidade humana intervém com assiduidade. E por ser construída pelo homem, a Ciência é falível.

Considera-se a luz como onda eletromagnética e como corpúsculo sem massa - o fóton -, respectivamente de acordo com o fenômeno em que ela intervém.

Que explicação se pode dar a esta dualidade de conceitos, que faz associar uma onda a cada grão de matéria? É a famosa Relatividade, cujo estudo matemático é tão difícil, pois está ligada aos problemas da matéria, do espaço, do tempo, da energia e da gravitação? Efetivamente, que é tempo? Que é espaço? Pode ele ser curvo em outras dimensões, além das três que conhecemos? E a gravitação? Seria ela nada mais do que a consequência da curvatura que a matéria pudesse provocar no espaço?

Possuímos, para tudo isto, magníficas formulações matemáticas. Carecemos, entretanto, da equação unitária que possa simplificar todo o entendimento, ligando tempo, matéria, energia, gravitação e eletromagnetismo.

Na procura dessa equação, talvez estejamos encarando apenas uma das numerosas faces do problema, o que nos traz limitações consideráveis. Até hoje, por exemplo, na busca de todas as explicações, não foram tomados na devida consideração os extraordinários poderes do psiquismo sobre a matéria (levitar, andar sobre brasas sem danos para os pés, etc.).

Então, se a Ciência humana é uma procura contínua e tateante da verdade, conquistando resultados seguros, mas provisórios, por que repelir os fenômenos que se nos afiguram como sem importância, ou impossíveis, quando esta rejeição pode ser somente a indicação de nossas atuais limitações e aqueles fatos talvez se possam constituir num marco do caminho a seguir?

CIPEX e GENA

2004

EFEITOS OBSERVÁVEIS EM PRESENÇA DOS OANIS

Felizmente, no que diz respeito aos Objetos Aéreos Não Identificados, nem todos os fenômenos contradizem nossos conhecimentos atuais. Podemos, por exemplo, filmá-los ou segui-los com o radar.

Certos fatos observados, porém, provocam verdadeiros desafios e representam a maioria. Podem ser classificados em várias categorias, tais como: efeitos físico-químicos, fisiológicos, psíquicos e lógicos.

No plano físico-químico, partimos de fatos relativamente compreensíveis, como o famoso resultado da ação eletromagnética sobre motores, televisão, rádio etc., para depois considerarmos as consequências menos evidentes como as pressões provocadas, buracos no solo, oscilações de aviões, calor produzido, queimaduras em vegetais e em suas próprias raízes e chegarmos, finalmente, a tudo aquilo que parece contradizer, completamente, nossas leis mais seguras: acelerações instantâneas; desaparecimentos; curvas em ângulo reto, em alta velocidade; desvio de raios luminosos; "tubos de luz" com o aspecto de sólidos; aparente absorção de feixes de ondas de radar; etc.

No terreno dos efeitos químicos, observamos a ocorrência de fatos insólitos, difíceis de serem analisados, tais como os chamados "Cabelos de anjo", os odores, os líquidos oleosos, etc.

Relativamente às consequências fisiológicas, deparam-se-nos queimaduras, irritações visuais, doenças da pele, disfunções orgânicas e outras doenças estranhas, paralisias, choques elétricos, sensações de calor ou de frio, etc.

No plano psicológico, as manifestações provocadas se traduzem em: reação de terror irracional, paralisia, perda dos sentidos por choque emocional, reações apaixonadas anti ou pró-OANI, distorções das observações e de sua divulgação, manias ou ceticismo irracional.

No campo da lógica, nada conhecemos sobre a atitude dos OANI, suas intenções, fugas ou agressões e logística de vôo.

CAMINHOS PARA PESQUISA

É válido rejeitar tudo isto como anticientífico somente porque não o compreendemos?

Nossas leis físicas parecem desafiadas por esses fatos. Mas não seriam elas, na realidade, casos particulares de leis bem mais gerais?

Seria extremamente interessante que todos esses efeitos secundários fossem analisados, criteriosamente, em seus aspectos científicos, pois o resultado dessas pesquisas poderia representar o "fio de Ariadne" que nos conduziria a investigações muito mais fecundas e, como tal, importantes para a Humanidade.

Podemos citar, por exemplo, o desprezo aparente, que os OANIs apresentam às leis da inércia e da gravitação, acompanhado de efeitos barimétricos e eletromagnéticos, e que poderia talvez nos conduzir à solução do grande problema da atualidade, que é o da gravitação.

O estudo aprofundado, dos desaparecimentos instantâneos e das distâncias percorridas pelos objetos desconhecidos, poder-nos-ia conduzir à descoberta de uma realidade com maiores dimensões do que aquelas que podemos supor.

Os efeitos da luz ou os de absorção no radar poderiam indicar-nos a direção a ser dada aos estudos destinados ao melhor conhecimento das radiações eletromagnéticas. Tudo isso, enfim, poderia se constituir em indícios que nos guiarão pelos caminhos do conhecimento da matéria e da vida.

Os campos psicológicos, fisiológicos e lógicos são suscetíveis de explorações análogas, com resultados positivos para a Humanidade, como o é, por exemplo, o notável trabalho de C.G. Jung.

Concluindo, tentemos ser verdadeiramente científicos, isto é, ter o espírito aberto, ser prudentes e humildes e estar sempre prontos para aceitar os fatos tais como são e não como gostaríamos que fossem.

CIPEX e GENA

2004

0000000000

6 -

DISCOS VOADORES E DISCOS SUBMARINOS

6 A)

DA IMPRENSA EM GERAL E BOLETIM SBEIW

No fim do mês de novembro de 1972, as agências de notícias publicaram informações acerca da caça a um submarino estrangeiro, de nacionalidade desconhecida, que se teria refugiado num fiorde norueguês de Sogne, na mesma ocasião em que os habitantes de uma localidade próxima ao referido fiorde declararam ter avistado um objeto que "parecia um submarino", segundo as notas veiculadas pelo "Jornal do Brasil", em 27/11/72. Mandaram-se para o local trinta belonaves, numerosos helicópteros e a fragata Trenchin, que chegou a disparar um foguete, apesar do que o mistério que envolvia aquele acontecimento permaneceu denso e se estabeleceu uma controvérsia ainda maior a respeito da identificação daquele veículo de origem ignorada. Alguns articulistas se referiam a um, e outros, a dois submarinos russos, quando o Ministro da Defesa, da Noruega, John Klepper (num recorte da "Folha de São Paulo", de 25/11/72, a nós remetido pelo pesquisador Carlos Varassin), afirmou a inexistência de provas que caracterizassem a presença de um submersível estrangeiro naquele local "e fontes oficiais esclareceram que não se tratava de um submarino... apenas se confirmou a existência de um estranho objeto submersível, de grande porte, e que, segundo uma belonave norueguesa, teria emitido luzes verdes e amarelas, em piscas, no fiorde de Sogne". O jornal "O Globo", de 27/11/72, ainda informou que a embarcação foi avistada pela primeira vez no dia 12 e que "as autoridades navais relutavam em chamá-la de submarino".

.....

Nov.

Posteriormente, no dia 7, segundo Kjold Olesen, Ministro da defesa, da Dinamarca, os tripulantes de um barco de pesca de camarões divisaram, na "baía do Disco", sem importância estratégica, um submarino misterioso, a 1.500 m de distância dos fiordes de Christianshaab, na Groenlândia.

.....

Narra ainda "O Globo", de 15/12/72, que policiais a bordo de um pesqueiro, em investigação, descobriram uma luz desconhecida e viram assinalado no radar, durante dois minutos, um ponto situado a 300 m do local em que estavam. O Contra-Almirante E. Frank Poterse enviou ao local um oficial da Marinha, para interrogar todas as pessoas testemunhas do mesmo fenômeno.

Em 21/12/72, "O Globo" divulgou a existência de 15 denúncias a respeito do aparecimento de um submarino, e que o rebocador "Marie S" havia avistado luzes vermelhas e registrado em seu radar um pequeno ponto negro a uma distância de 1.300 milhas marítimas. As mesmas luzes vermelhas foram vistas, horas depois, por um caçal, ao norte de Christianshaab.

OBS.: Parece-nos estranho que um submarino estrangeiro, presumivelmente ávido por se esconder, tenha acendido, durante a noite, luzes de cor, piscando-as, no primeiro caso. Consideramos ainda impossível que a embarcação haja desaparecido depois de ter estado encurralada num estreito braço de mar, como são os fiordes, cercados de rochas íngremes.

CIPEX e GENA
2004

Adicionalmente, citaremos parte do comentário do Jornal "Correio Brasiliense", de 11/12/72, que nos foi remetido pelo Sr. Wayner, e no qual é lembrado o mistério do "Golfo Novo", na Argentina, há doze anos, quando se despejaram bombas de profundidade, com o objetivo de destruir um enigmático "submarino" ali surgido. Dado como atingido, ele reapareceu, para desespero dos almirantes, que se lançaram a novos ataques. O referido artigo também fala sobre dois franceses, Pierre Nord e Jacques Bergier, autores do capítulo relacionado com o grande mistério dos objetos voadores desconhecidos, concluindo que "o Oceano oculta atividades, no momento, sem explicações".

Lembramo-nos também da notícia vinda de Natal (RN), dada a público pelo "O Globo" de 21/08/70 e transcrita no Boletim SBEDV 81/84 - pág. 260, dando conta de um submarino que emergiu a uma milha da praia de Pititingua, tendo os tripulantes tentado comunicar-se com os pescadores locais, "numa língua que estes não entenderam". (procedimento este que nos parece bastante estranho para os atuais submarinistas terrestres).

O Sr. Oswaldo Guarischi, fiscal aduaneiro, comunicou à SBEDV (Boletim nº 17, pág. 25) que, no dia 7/06/60, viu "um vulto semelhante a uma embarcação anfíbia, com aproximadamente 3m de altura por 20 m de largura, saindo de dentro da água, para encostar na praia e que, posteriormente, levantou vôo, a uma incrível velocidade de cerca de 3.000 a 4.000 km por hora.

6 B) - DO BOLETIM "LUMIÈRES DANS LA NUIT"

O caso seguinte é uma tradução que fizemos da revista francesa "Lumières dans la Nuit" - janeiro 1971 - pág. 15. O artigo completo recebeu o nome de "Sinbad le Marin", e conta 4 casos de objetos estranhos vistos por pescadores, em ocasiões diversas. Relataremos aqui o 3º caso, conforme foi contado, pelas testemunhas, aos redatores da revista francesa:

— Nós 3 partimos em dois barcos; eu sozinho no meu, e meus dois companheiros, juntos, no deles. Eram 11 horas e meia da noite de 10 de agosto de 1962. A noite estava muito bela, o céu estrelado, havia um vento fraco e o mar estava bastante calmo.

A um dado momento, eu percebi, a uns 300 m, um grande corpo metálico, de forma alongada, tendo ao centro uma espécie de chaminé ou pequena torre, que parecia mover-se lentamente à superfície da água, e que finalmente parou.

Então eu disse aos companheiros que estavam no outro barco: "Há um submarino que emergiu não longe de nós; parece que ele não está constrangido (com a nossa presença)". Um dos meus companheiros respondeu: "Deve ser um submarino estrangeiro; é de um modelo que eu não conheço".

Em seguida houve alguma agitação de ondas em volta do submarino, e eu pude então distinguir "homens-rãs saindo das águas e subindo à embarcação (o submarino)". Olá, colegas! Salve! Tudo em ordem? Mas não deram importância a meus gritos, pois nem se viraram para nós.

Meus dois companheiros, que também tinham visto os homens-rãs e ouvido a minha interpelação, os chamaram pelo megafone: "Olá colegas! A pescaria hoje foi boa? Vocês são daqui? Será que vocês são estrangeiros? Respondam-nos, pelo menos! Sem qualquer resultado; não houve resposta da parte deles.

Eu os vi bem, e contei cerca de uma dúzia de homens-rãs sobre o "submarino". Três ou quatro se voltaram realmente e depois se detiveram por alguns momentos antes de sumirem na embarcação ("submarino"). O último, antes de se juntar aos outros, voltou-se para nós, levou o braço direito sobre a cabeça agitando-o por alguns instantes ao alto, como numa saudação para nos dizer que nos tinha visto; em seguida também desapareceu na embarcação ("submarino"), conforme seus companheiros.

Logo após nós vimos o "submarino" sair completamente da água, e deixar-se balançar pelas ondas. Depois acenderam-se luzes vermelhas e verdes, e um raio de luz branca chegou até os nossos barcos. Essa luz vinha de um projetor e não produzia calor nem qualquer coisa desagradável; depois se apagou. O objeto se iluminou então com uma luz alaranjada; as luzes vermelhas e verdes se apagaram; ele passou a girar muito lentamente sobre si mesmo, da esquerda para a direita, e se elevou cerca de 20 m sobre a superfície da água. Então ele nos apareceu como um prato de concha torne elíptico mas quase circular, com o tamanho aproximado de um submarino de porte médio. Ele se imobilizou por alguns minutos e depois passou a girar mais depressa. Sua luz tornou-se mais forte e ele partiu bruscamente em linha horizontal sobre o mar, a grande velocidade e em completo silêncio.

A luz passou a vermelho-fogo e o objeto começou a seguir uma trajetória inclinada. Voltou ao local onde estávamos, descrevendo uma trajetória curvilínea e elevando-se, aumentando cada vez mais a velocidade.

Ele desapareceu tornando-se um pequeno ponto vermelho entre as estrelas. Nós o seguimos com a vista, ainda por alguns instantes, até que se tornou invisível. Ficamos boquiabertos, com os olhos arregalados fixos no ponto do céu, onde desapareceu o fantástico aparelho.

Além do ruído das ondas, nada mais nós ouvimos, e ficamos nos perguntando o que poderia ter sido aquilo. Nós teríamos percebido bem se fosse um submarino, um helicóptero ou um hidroavião.

Até hoje, nós jamais falamos desse misterioso e fantástico encontro em pleno mar. Temerosos da zombaria e do ridículo, guardamos o silêncio, contando o caso somente aos Senhores.

CIPEX e GENA
2004

6-C) - DO BOLETIM "UFO CONTACT"

Sob o título "Submarinos Misteriosos", a revista dinamarquesa "Ufo Contact" publicou, em sua edição de fevereiro do ano em curso, artigo no qual são rela-

todos casos de submarinos não identificados, que têm sido vistos em várias partes do mundo, mergulhando em mares, lagos ou rios, ou deles emergindo.

Segundo o referido artigo, no dia 22 de novembro último, uma estação de rádio de Oslo informava que navios de guerra da marinha norueguesa haviam lançado cargas de profundidade para forçar um desses submarinos a vir à superfície. Havendo falhado essa medida, resolveram apelar para a marinha norte-americana, que empregou, como o mesmo objetivo, armas poderosíssimas. Mas tudo em vão.

No terceiro dia, foi oficialmente informado que, durante a noite, o submarino não identificado havia desaparecido misteriosamente.

No dia 23 do mesmo mês, foi revelado que dois helicópteros ingleses haviam retornado à Inglaterra, depois que ficara constatado não se tratar de um submarino. Entretanto, foi assegurada a presença de um objeto móvel, de natureza desconhecida.

No dia 14 de dezembro de 1972, um reporter dinamarquês, ao comentar que tripulantes de quatro barcos pesqueiros de camarões, na Groelândia, haviam observado as luzes de um suposto submarino, exclamou, com raiva: "Qualquer perito sabe que não há possibilidade de um submarino permanecer naquela área durante esta época do ano. Por que, então, teria o Ministro da Defesa enviado uma fragata ao local?"

A página 9 da referida revista consta uma carta dirigida, ao Ministro da Defesa da Dinamarca, pelo Sr. H.C. Pettersen (um dos redatores da "Ufo Contact" e major das Forças Armadas da Dinamarca). Tecendo comentários em torno dos misteriosos submarinos e colocando-se à disposição das autoridades para oferecer-lhes as informações de que dispõe sobre o assunto, o autor da carta refere-se, especialmente, às experiências do Capitão Bruce Cathie (da Companhia da Aviação Nacional da Nova Zelândia e autor dos livros "Harmonic 33" e "Harmonic 965") no porto de Kaipara, ao norte de Hellenesville. Quando sobrevoava o referido porto, Bruce viu algo que lhe pareceu uma baleia. Observando melhor, verificou tratar-se de um objeto de natureza metálica, de linhas aerodinâmicas e de forma simétrica, mas que não era, contudo, a de um submarino. Também não possuía superestrutura.

O capitão Bruce calculou o seu comprimento em 30 m, para um diâmetro de 5 m na parte mais larga.

O objeto permanecia a uns 9 m abaixo de águas claras. O fundo do porto era visível e a nave nele desenhava-se com absoluta nitidez.

CIPEX e GENA 2004

6 D) - DE UM CIENTISTA BRASILEIRO

O Dr. Rubens Junqueira Villela, cientista brasileiro especializado em meteorologia, foi estemunha de um episódio sensacional que se desenrolou nas águas geladas da Antártida, quando ele estava a bordo de um navio quebra gelo.

Segundo o autor do livro "Habitantes Invisíveis" (INVISIBLE RESIDENTS - The World Publishing Company - New York - Ivan T. Sanderson - Capítulo I - "O mistério"), o Dr. Villela tomou parte da manobra "DEEP FREEZE" (CONGELAMENTO PROFUNDO) da marinha norte-americana.

No dia muito gelado, com a maior parte da tripulação abaixo da cobertura, o Dr. Junqueira Villela, o piloto na roda do leme e o oficial de guarda estavam ocupados com o mapeamento da rota. Foi nessa ocasião que os três se viram surpreendidos por um artefato, parecido com uma bala prateada, que repentinamente, diante deles, furou a camada de gelo, de uns 37 pés de espessura (aprox. 11 metros), elevando-se rapidamente e roncando nos ares. Puderam as três testemunhas entretanto observar melhor a segunda parte do episódio: a queda de grandes blocos de gelo previamente elevados nos ares pelo objeto. Esses blocos desprendiam vapor, como se estivessem em ebulição, o mesmo acontecendo com a água turbulenta que ficou à vista como consequência da falha na camada de gelo.

Diversos ufólogos brasileiros chegaram a conhecer o Dr. Villela em setembro de 1971, por motivo do IV Colóquio Brasileiro sobre Objetos Aéreos Não Identi-

ficados, realizado em São Paulo nos dias onze e doze.

Na ocasião, o Dr. Villela fez uma palestra a respeito do mapa "Firi Reis" (ver o livro "Eram os Deuses Astronautas?", de E.V. Daniken), quando ainda mencionou ter testemunhado três episódios com DV, na Antártida, entre eles um sobrevôo de um DV em uma ilha. Infelizmente, na ocasião o Dr. Villela não chegou a relatar esse interessante episódio, mencionado acima e constante do livro de Ivan T. Sanderson.

oooooooooooooooooooo

7 - DV'S VISTOS PELO PESQUISADOR PERUANO CARLOS PAZ GARCIA, E FAMILIARES SEUS

LIMA, Peru

Em carta datada de 12 de dezembro de 1972, comunicou-nos o Presidente do IPRI, Carlos Paz Garcia, que no dia 10 daquele mês, às 20 h 55 min, estava com sua esposa Rose Marie Wells, e seus filhos Carlos, de dezanove, Sixto, de dezessete, e Rose Marie, de quatorze anos, quando viram, a uns 500 m de altura, um ponto luminoso, de cor alaranjada, afastando-se em direção do norte, sem nenhum ruído, na velocidade de um avião comercial. Depois que este se perdeu no horizonte, apareceu a baixa altura e quase que sobre os observadores, com um leve zumbido, outro ponto luminoso, roxo, proveniente do leste. Ao atingir Lima, sua direção mudou para o norte, aparentemente seguindo o objeto que lhe antecedeu.

Também do leste, surgiu um terceiro objeto, a uns 300 m de altura, em vôo lento. Deste se podia distinguir a forma em delta (triangular).

Este objeto seguiu, igualmente, em direção ao norte, como que fazendo parte de uma esquadrilha que, das 20 h 55 min até às 21 h 25 min, teria gasto 30 min em sua passagem.

Observou ainda, o Presidente do Instituto Peruano de Relações Interplanetárias (IPRI), que um astrônomo, também entusiasmado por estes assuntos, havia feito observação idêntica.

CIPEX e GENA

2004

oooooooooooooooooooo

8 - LISTA DE LIVROS E REVISTAS

PLANETA - Revista semanal - nº 2 - "Discos Voadores ou a Sociedade Secreta".

DOMINGO ILUSTRADO - Revista semanal - nºs de 3/10 e 10/10/71, onde foi relatada, pela 4a. vez, a experiência de A.V.B. (1º relato: Boletim SBEDV nº 26/27 de 1962 - pesquisa com a cooperação do Dr. Mário Prudente Aquino; 2º relato: Flying Saucer Review - Jan./Fev. 1965 - transcrição das pesquisas da SBEDV e dos Drs. O. Fontes e João Martins; 3º relato: O Cruzeiro Internacional 1965, Jan. 16 e Fev. 1 e 16).

DOMENICA DEL CORRIERE - de 8/09/63 - Semanário italiano - Publicou foto de um DV visto em Gênova, com as mesmas características daquele do caso de A.V.B. (Ver fig. nº 6, neste Boletim).

No Bol. SBEDV 81/84, a fig 10 reproduz a foto do Semanário italiano.

- A PARAPSIKOLOGIA E OS OV - Livro com 194 págs., 14 fotos e 8 ilustrações - autor: General Moacyr Uchôa - Editado pelo Grupo de Expansão Cultural, São Paulo, 1973 - Trata do caso da cidade de Alexônia (perto de Brasília), onde houve contato comprovado entre terrestres e extraterrestre., O prefácio é de autoria do ufólogo patricio Prof. Flávio A. Pereira. Nos itens 2 A e 2 C deste Boletim, há algumas referências a esta obra.
- DV - DA UTOPIA À REALIDADE - Livro de Arthur Berlet, e do qual a SBEDV ainda tem alguns exemplares para venda (Cr\$15,00).
OBS.: Agora traduzido para o alemão: "Im Raumschiff von Planet zu Planet", com 256 pág., 20 figuras - DM 21,30 - Ventla - Postfach 17185 - Alemanha, 62 Wiesbaden - Schierstein.
- A VERDADE SOBRE OS DEUSES ASTRONAUTAS - Livro de Fernando Sampaio, da O.E.C. - 219 págs., 30 figuras - Cr\$26,00 - Pedidos ao autor: Rua Barros Cassal, 705 apt. 303 bloco gama - Porto Alegre - R.S.
- NUM DV VISITEI OUTRO PLANETA - Livro de Antônio Rossi - Livraria Freitas Bastos - Rio de Janeiro.
- INFRESPACE - Revista da "Société Belge d'Études des Phénomènes Spatiaux" (SOBEPS) editada em francês. Boulevard Aristide Briand, 26 - 1070 - Bruxelas - Belgica. Em seus primeiros números fez uma retrospectiva geral do assunto, importante para os leitores iniciantes na matéria.
- FLYING SAUCER REVIEW - (F.S.R.) - Revista - 21 Cecil Court, Charing Cross Road, London WC2, Inglaterra. Da mesma revista (F.S.R.) há também "FSR CASE HISTORIES" (6 números por ano).
- CIPEX e GENA
2004
- GROUPEMENT D'ÉTUDES DES PHÉNOMÈNES AÉRIENS (GEPA) - Revista - 69 rue de la Tombe Issore - Paris 14 - França.
- LUMIÈRES DANS LA NUIT - Revista - Les Pins, Le Chambon sur Lignon-Haute Loire - França.
- UFO CONTACT - Revista - Tvaerhave 6, Moelholm, 7100 Vejle - Dinamarca.
- WHY ARE THEY HERE ? - Livro de Fred Steckling - Box 59 - Zitacuaro - Michoacan - México.
- "PASSPORT TO MAGONIA" - Livro em inglês, de Jacques Vallée - 372 páginas - Editor: Henry Regnery Company - Chicago - USA.
- STENDEK - Revista - Belnas 86 - Entresuelo 20 - Barcelona - Espanha.
- UFO-NACHRICHTEN - Jornal mensal, em alemão - Postfach nr 17.185 - 62-Wiesbaden-Schierstein - Alemanha.
- "FORSCHUNG IN FESSELN" - Livro de 272 pág., fala sobre as teorias electro-gravitacionais da locomoção dos OV - Editor: o anterior.

"EXTRATERRESTRES Y CREENCIAS RELIGIOSAS" - Livro de 198 pág., em espanhol, de Salvador Reixedo - (Puerto Rico - P.O. Box 14 134 - Obrero, Sta. Santuerce). O lema do livrinho é: "Quando los ovnis aterrizan, Los Dogmas vuelan".

Boletins de Sociedades Brasileiras de Pesquisa Discológica

(BRASILIAN UFO RESEARCH SOCIETIES)

Damos a seguir nomes e endereços de Sociedades que se têm destacado na pesquisa e publicações de trabalhos, e para as quais pedimos o apôlo e o interêsse das congêneres estrangeiras:

CICOANI - Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados - Presidente: Prof. Húlvio Brant Aleixo - Caixa Postal 1675 - 30.000 - Belo Horizonte - Minas Gerais.

GIPOVNI - ||| Grupo Independente de Pesquisa de Objetos Voadores Não Identificados - Presidente: Sr. Victor Soares - Caixa Postal 72 - 94.000 - Gravataí - Rio Grande do Sul.

GPECE - Grupo Paranaense de Estudos de Civilizações Extraterrestres - Presidente: Sr. Carlos Varassin - Rua Coronel Ailton Plaisant, 170-80.000 - Curitiba Paraná.

GPAZ - Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênith - Presidente: Sr. Oscar Alberto Romero - Condomínio Alta Ondina - Edifício Itália, apt. 201 - 40.000 - Salvador - Bahia.

SPIPDV - Sociedade Pelotense de Investigação e Pesquisa de Discos Voadores - Presidente: Sr. Luiz do Rosário Real - Rua Marcellio Dias nº 1566 - 96.100 - Pelotas - Rio Grande do Sul.

CIPEX e GENA
2004
oooooooooooooooo

OBS. IMPORTANTE, RELATIVA AO ITEM Nº 3:

No sub-item nº 3 E, pág.13, 2º parágrafo, há menção, da testemunha Antonio Villas Boas, ao fato de os tripulantes terem se comunicado (entre si) por meio de "guinchos" e "uivos".

Como referência comparativa e útil para os estudiosos e pesquisadores do assunto, chamamos a atenção para o caso "Vila Operária", de Nova Lima - Minas Gerais, pesquisado pelo CICOANI. Esse caso foi publicado no Boletim SBEDV nº 74/79, onde, à página 10 (penúltimo parágrafo), se diz:

"... Muito estranhou (a testemunha) a fala daqueles indivíduos, que se fazia através de sons breves, repetidos e agudos, semelhantes a "guinchos de porco..."

Item n° 1: Tackles with the matters of the administration of SBEDV.

Item n° 2: In regard to important UFO events one stresses the convenience of additional collection of datas, even by people that haven't taken part at the "first hand research". One argues that personal vanity has no place in ufology, since this needs the cooperation of all efforts to dig up at least a tiny fragment of truth.

SBEDV also has to communicate with deepest sorrow the death of its benefactor and friend, prof.(chemistry)Ernani Ebecken de Araujo at the age of 71 years. Our feelings are with the family of the deceased.

Item n° 3: (see fig. 1 to 7)- One reminds the reader of the 16 years old case of Antônio Vilas Boas, called "The closest encounter ever known" by famous Gordon Creighton of the Flying Saucer Review-London. The fine original report of the case by the late Dr. Olavo Teixeira Fontes, medical doctor and professor at Rio de Janeiro-Brazil, also a world-reknown ufologist, was published first by the Flying Saucer Review-London in its integrity as it had been handed over to SBEDV by Dr. Fontes.

Now, one tries to show that SBEDV's 4 years late and own crude research of the case had at least the effect to bring out into the open Dr. Fontes original and better report, unfortunately kept secret until then.

Item n° 4: (see fig. 8 to 11)- Incredible as it seems, it well may have happened that a Flying Saucer stayed "landed" for approximately 20 hours, near a farm house at the settlement of Juruba, near the town of Apucarã, in the brasilian hinterland of the southern state of Paraná (not to be confounded with Paraná at the Republic of Argentina), between June 21 and 22 th, 1972..

The account, published by the local newspapers had been brought kindly to the attention of SBEDV by Parana's research group GPECE, President Carlos Varassin, who also furnished the photographs of the site, taken by the team of the television. This is all together a good start of cooperation of the news media with the local ufologists.

The kids of the farm had their day also, since the Flying Saucer, after displaying a movement of oscillation also know by that of a "falling leaf", disgorged apparently what seemed a great quantity of brilliant square and rectangular paper clippings, which would be seen floating down gently to the ground. Unfortunately, before touching it, they would ascend once more, as if sucked upwards, and disappear, so as if dispersed by the wind. Now the odd aspect on it is that even a thorough search upon a vast territory by all the witnesses involved couldn't produce at last one single leaflet, seen moments before in the air.

Item n° 5: A summary is published about the excellent lecture given at the September 1971 UFO Congress at São Paulo-Brazil by the late professor Gautier de Keating-Heart. Unfortunately, at his following vacation at France died this young, and outstanding french scientist(of the center for nuclear studies at Grenoble-France), by an accident at mountain-climbing.

The brasilian ufologists having lost in professor Keating-Heart a good friend who understood them are now united in their sorrow with french ufology.

Item n° 6: One calls attention to the possibility of the manoeuvring of extraterrestrial crafts beneath the surfaces of terrestrial lakes and oceans and besides examples of the southamerican hemisphere one quotes also cases as mentioned by the french ufological Bulletin "Lumières dans la nuit" and the danish "UFO Contact".

Item n° 7: One gives account of a UFO-sighting by IPRI's President, Carlos Paz Garcia and his family, at the residence of the latter at Lima-Peru.